



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

MILENA BACHIR ALVES

**DIMENSÃO DO FEMININO:
Inadequações dos corpos e da terra/Terra diante da
Intrusão de Gaia**

**CAMPINAS
2024**

MILENA BACHIR ALVES

**DIMENSÃO DO FEMININO:
Inadequações dos corpos e da terra/Terra diante da
Intrusão de Gaia**

Dissertação de mestrado apresentada ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Susana Oliveira Dias

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA
ALUNA MILENA BACHIR ALVES E ORIENTADA
PELA PROFA. DRA. SUSANA OLIVEIRA DIAS

**CAMPINAS
2024**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

AL87d Alves, Milena Bachir, 1981-
Dimensão do feminino : inadequações dos corpos e da terra/Terra diante da
Intrusão de Gaia / Milena Bachir Alves. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Susana Oliveira Dias.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Feminismos. 2. Educação. 3. Comunicação. I. Dias, Susana Oliveira,
1973-. II. Dias, Susana Oliveira. III. Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem. V. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Feminine dimension : inadequacies of bodies and the earth/Earth
in the face of Gaia's Intrusion

Palavras-chave em inglês:

Feminisms

Education

Communication

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Susana Oliveira Dias [Orientador]

Carolina Cantarino Rodrigues

Greciely Cristina da Costa

Data de defesa: 09-08-2024

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-0105-7423>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/6944361801280235>



BANCA EXAMINADORA

Susana Oliveira Dias (UNICAMP)

Carolina Cantarino Rodrigues (UNICAMP)

Greciely Cristina da Costa (UNICAMP)

IEL/UNICAMP

2024

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós-Graduação do IEL.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha família. Minha mãe Glaci, pai Edgar, irmão Gui, cunhada Meiri e sobrinhos Duda e Pedro, que compreenderam mais uma vez a minha escolha por seguir os estudos e enfrentar as vicissitudes de um mestrado. Obrigada por me darem apoio e suporte emocional para lidar com cada etapa, vibrando comigo em cada momento e respeitando a distância que se impôs durante a pesquisa.

Agradeço às minhas ancestralidades, minhas avós materna e paterna, que tiveram pouco acesso aos estudos e tiveram suas vidas alicerçadas na família, rompendo o ciclo de violência patriarcal e misoginia para as próximas gerações.

Agradeço às amigas e amigos por quem eu morro de orgulho, admiração e amor: Jacqueline Gomes, Marcélia Vantete, Silvana Rando, Meri Lima, Susan Haiz, Thais Pinheiro, Evelin Fomin, Patricia Mendonça, Tânia Silva da Silva, Erika Marcondes, Jenny Oliveira, Asha Donini, Marina Calu, Kareen Terenzo, Neyla Silva, Dani Falcão, Thais Kuroba, Marcinha, Pati, Bocão, Camila Amores, Carol Todesco, Raíla Maciel, Babi Thomaz, Erica Arnaldo, Karina Costa, Larissa Notari, Karina Gomes, Renata Steiner, Flora Miguel, Andreia, Erica, Claudio Magalhaes, Renato Massaro, Flávio, Marcinho, Everaldo, Marcela, Ricardo Cavalcanti, Régis, Fábio Nunes, Edna Silvia, Fininho, Rafael, Jarra, Janete, Silvia Torreglosa, Ronald Sclavi, Claudinha, Carla Bea, Marina de Ferraz, Carmem Leonel, Flavia Vieira, Ana Carolina Ekizian, Bella Quadros, Daniela Cais, Renato da Costa, Aline Rios, Cris, Daniel, Maya, Chys.

Agradeço às amigas e profissionais que o mestrado trouxe pra minha vida, Barbara Daniel, Monique dos Anjos, Bianca Mafra, Suelyn Emerick, Paula Carol Batista, Emanuely Miranda, Larissa Belini, Lucia Estevinho, Jacqueline, Rayane Kaygang, Mariana Vilela, Natália Aranha de Azevedo, Flora Villas, Marina Meira, Fernanda Mariath, Néliane Simioni, Júlia Palhardi, Fernanda, Mariana Zilli, Paulinha, Sol Terena, Malena, Karina Francisco, Mariana Hafiz. E aos amigos Wallace, Nestor, André Stefanuto, Rafael, Johny, Erick, Micca, Igor.

Agradeço à Elizabete Finger pelas aulas de Kundalini Yoga.

Agradeço à Jade Arbo por toda a ajuda com os textos e conselhos, e pela entrevista que topou fazer para a Revista *ClimaCom*.

Agradeço às minhas primas e tias Luciane, Daniela, Arlene, Bruna, Laura, May, Aécia, Vanessa e Carol por toda vibração.

Agradeço à *Inadequada* e a todas as pessoas e seres que passaram, e com quem aprendi demais a cada encontro e prática.

Agradeço à tia Sonia e ao Murilo pela guiança.

Agradeço ao Dov, que me deu ombro, escuta, amor, momentos de decompressão com Raul e sem Raul, sempre me dizendo “vai passar”.

Agradeço à Bianca Peter, que fez a revisão do trabalho com tanto amor e parceria.

Agradeço aos anos de planejamento e produção do EDICC e às pessoas que pude conhecer e me aproximar.

Agradeço à Andressa, à Alessandra e ao André do Labjor, apoiando em todo o processo. Agradeço aos professores e técnicos do Labjor e à Unicamp, que me acolheram para que a pesquisa fosse desenvolvida. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, por oferecer condições financeiras durante a pesquisa.

Agradeço à orientadora Dra. Susana O. Dias e às oportunidades que me deu na Revista *ClimaCom*.

Agradeço às professoras da banca, Dra. Carolina Cantarino e Dra. Greciely Costa.

Agradeço aos professores Dra. Marta Kanashiro, Dr. Marcos Barbai e Dra. Cristiane Costa Dias.

Agradeço à Cris Costa e à Billie Pepe pela oportunidade que me deram após o término da bolsa Capes, confiando em mim para projetos internacionais desafiadores.

Agradeço ao amigo e parceiro da vida e trabalhos, Zé Barreto, que me acompanha há mais de 20 anos.

Agradeço à Raquel, que cuidou do Frederico para que eu pudesse viajar para Campinas, me apoiando com marmitinhas e conselhos. Agradeço aos meus vizinhos Barbara e Marcos por tanto carinho comigo e com a amizade felina da Malva e do Fred.

Agradeço às minhas clientes das mentorias e assessorias para mulheres, em especial à Malu Toledo, pela compreensão e parceria.

RESUMO

Esta dissertação propõe uma abordagem que busca superar a oposição entre “feminino” e masculino e “saberes ancestrais” e “saberes científicos”, produzida pelo Antropoceno, mobilizando conceitos da filósofa da ciência Isabelle Stengers em interlocução com as práticas da Rede de Educação Feminista e Diversidade, a *Inadequada*. A proposta é pensar, sentir e viver a dimensão do feminino como potência mesopolítica, que emerge das práticas, encontros e experimentações de mulheres feministas (ou não) que subvertem e agem criticamente diante dos colapsos ambientais, das relações, narrativas e modos de vida patriarcais, racistas, sexistas, capacitistas, coloniais e capitalistas. A pergunta-problema busca por muitas respostas e propõe pensar a noção de inadequação dos corpos e da terra/Terra como uma possibilidade sempre viva, alegre e responsável de inventar a suspensão dos pensamentos binários, expandindo a potência dos corpos que se encontram em modos de compor com Gaia. Sendo assim, propor uma divulgação movida pela intervenção, escuta e em composição com gestos de cuidado, atenção e presença, sendo os corpos meios subversivos e sensíveis.

Palavras-chave: Dimensão do feminino. Feminismos. Gaia. Mesopolítica. Narrativa. Educação. Comunicação

ABSTRACT

This dissertation proposes an approach that seeks to overcome the opposition between "feminine" and "masculine" and between "ancestral knowledge" and "scientific knowledge," produced by the Anthropocene, by mobilizing concepts from the philosopher of science Isabelle Stengers in dialogue with the practices of the Feminist Education and Diversity Network, the Inadequate. The proposal is to think, feel, and live the dimension of the feminine as a mesopolitical force, emerging from the practices, encounters, and experiments of feminist (or not) women who subvert and critically act in response to environmental collapses, and to patriarchal, racist, sexist, ableist, colonial, and capitalist relationships, narratives, and ways of life. The problem-question seeks multiple answers and proposes to think about the notion of inadequacy of bodies and the earth/Earth as a constantly alive, joyful, and responsible possibility of inventing the suspension of binary thinking, expanding the potency of bodies that engage in ways of composing with Gaia. Thus, it proposes dissemination driven by intervention, listening, and in composition with gestures of care, attention, and presence, with bodies as subversive and sensitive mediums.

Keywords: Feminine Dimension. Feminisms. Gaia. Mesopolitics. Narrative. Education. Communication.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: corpo, escrita, encontros e inadequações	10
PARTE I: A inadequação das mulheres e da terra/Terra: a dimensão do feminino nas práticas diante da intrusão de Gaia	25
1.1 Os incômodos tomaram o corpo: feministas e femininos em movimento	25
1.2 A Inadequação: sentir os corpos, a terra/Terra e o Antropoceno	38
1.3 A potência do feminino: corpos divergentes fazem encontros heterogêneos diante de Gaia	48
1.4 A potência das nomeações	57
PARTE II: Uma política feminista (feminina) da terra/Terra	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

corpo, escrita, encontros e inadequações

Começar um texto para uma dissertação exige movimentos múltiplos do corpo.

Respiro.

Silêncio.

Foram incontáveis as vezes que recorri à respiração para dar ao corpo acolhimento, presença e equanimidade (observação) das sensações densas e/ou sutis durante a pesquisa.

O corpo reverbera, transborda, tensiona e expande sempre que vai para o papel ou quando se senta em frente à tela do computador. É sempre um novo começo, um novo agora, um novo momento presente. Aprendi que está na respiração a sutileza da atenção ao estado de presença do corpo. Sou um corpo, não tenho um corpo. E o corpo sabe viver-morrer com e nas experiências.

Deixar o corpo fluir em escrita é uma aventura, especialmente no tempo em que a pesquisa se constitui, em tempos de colapsos climáticos e fins de mundos. A escrita faz outro tempo-espaco no mundo. Uma viagem de grandiosas experiências, dores e alegrias. Afinal, é o processo de criação que pode entrar em julgamento pela leitura-olhar de alguém. Assim a educação formal-colonial-patriarcal nos ensina (e me ensinou) sobre a língua/linguagem e sobre a escrita: escrever é para quem têm erudição com as palavras, formações em renomadas escolas e universidades, domínio axiomático, nome, sobrenome e “um teto todo seu”, parafraseando Virginia Woolf (1929) e reatualizando-a para o período da dissertação.

A filósofa da ciência, química, professora de filosofia da ciência na Universidade Livre de Bruxelas, e autora de grandes obras provocativas, Isabelle Stengers (2012, 2015, 2017, 2022, 2023) ajuda-me a pensar que a escrita pode suscitar o julgamento, mas também pode suspendê-lo. O que implica que o julgamento não está apenas em quem lê, mas também em quem escreve. Stengers ajuda-nos a desmontar o velho modo de ler-escrever-comunicar e fazer ciência tão estruturado pelo patriarcado-colonial-capitalista. Reativa as forças e sentidos das palavras e provoca dizendo: “levar a sério ou prestar atenção significa questionar o modo como as disciplinas científicas foram moldadas por sua relação exclusiva, quase simbólica,

com a indústria”. (Stengers, 2023, p. 140). Como uma grande filósofa, ela nos ensina o tempo todo a pensar. Pensar no que deve ser feito para que possibilidades de futuros sejam viáveis e menos bárbaras. Ao longo da dissertação trabalhei com algumas obras como *No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima*, *Uma outra ciência é possível – manifesto por uma desaceleração das ciências*, e o texto da entrevista “Ecosofia Activism – between micropolitics and mesopolitics”. Foram encontros potentes que elevaram a escrita.

Por isso, gosto de pensar a escrita na pesquisa como uma experiência “aprendida do ponto de vista do acontecimento” (Lapoujade, 2017, p. 31). E tento, aqui, trazer esta palavra-movimento, “acontecimento”, como quem não apenas atribui utilidade, mas busca expandir (novos) sentidos, significados e aprendizados. Para Lapoujade, é necessário encarar a experiência como campo de acontecimentos indivisíveis que se dividem, conforme a intersecção do sujeito/objeto. O erro está em supor que há dois mundos, um do sujeito e outro do objeto. O acontecimento precede o encontro entre sujeito e objeto. Essa sensibilidade ao acontecimento, é o que ele nomeia de “fluxo de vida imediato” (Lapoujade, 2017, p. 31) sendo uma dimensão para a experiência, seja ela qual for. A perspectiva de Lapoujade me faz conectar o acontecimento com a mesopolítica de Stengers, uma noção que desafia as separações entre sujeitos e objetos e busca pensar o encontro de materiais entre materiais. Sinto que Lapoujade e Stengers se conectam e me convidam a pensar esta escrita como um acontecimento, como encontros que libertam uma força vital entre os materiais de pesquisa: encontros da *Rede de Educação Feminista e diversidade – Inadequada*, obras de artistas e filósofas das ciências, dos estudos multiespécies, experiências corporais meditativas, etc.... pensar no conceito de mesopolítica, que é, para Stengers, algo que se cria no encontro, pelo encontro, na contingência.

Por outro lado, escrever é um ato político, principalmente quando é feito pelas mãos de uma mulher não branca e por corpos dissidentes, *outsiders*. Usar as palavras para nós é uma arte de estar viva. Escrever para nós nunca tem ponto final, porque a escrita é viva e fluida como o corpo no mundo. A escrita revela encontros, memórias, segredos, conversas, intervenções, sonhos, vozes, cura, conexões ontoepistemológicas, pensamentos, ciências-culturas.

O que proponho nesta pesquisa é pensar, sentir e viver a dimensão do feminino a partir das práticas que aconteceram na *Rede de Educação Feminista e*

Diversidade – Inadequada, projeto autoral do qual sou fundadora, no período entre 2018 e 2023.

A Rede de Educação feminista e diversidade, a *Inadequada*, é uma rede fluida e itinerante, virtual e presencial, um espaço-tempo de experimentações subversivas criativas, ativas e afirmativas de saberes interdisciplinares e práticas diversas ligadas à dimensão do feminino e à diversidade com foco no empoderamento de mulheres que abraçam os feminismos interseccionais, decolonial e transfeminismo, pensada por mulheres. Apresenta e divulga práticas e experiências dos mais plurais campos profissionais, acadêmicos, científicos e culturais. Produz em colaboração com pessoas, ciclos de conversas, mentorias, workshops, cursos, entrevistas, oficinas e mediações de grupos. O propósito é transformar o mundo num lugar acolhedor, de refúgios multiespécies, com valores femininos, respeitoso e próspero, no qual os saberes vindos de mulheres são essenciais para vivermos tempos de desafios climáticos devastadores e ondas políticas conservadoras. Busca oferecer suporte e assessoria para todas as pessoas, especialmente para mulheres através da subversão e da desobediência. A *Inadequada*, nas falas e nos discursos das mulheres da Rede, mostra um processo de (des)identificação no qual a diferença e a divergência não se encaixam no imaginário social, nas regras ou conceitos pré-estabelecidos – isso ajuda a fortalecer mulheres cis ou trans que sentem não caber mais em nada, ou em quase nada.

Em relação, principalmente, com algumas obras e conceitos teóricos-metodológicos da filósofa da ciência Isabelle Stengers, que amplia pensamentos e atos e sugere uma desaceleração no modo de fazer ciências. Lembro que as principais práticas realizadas pela Rede são coletivas, pensadas e produzidas pelas inquietações de cada corpo presente. Como é o caso dos Ciclos de Conversas presenciais e digitais, que expunham temas em consonância com os acontecimentos daquele tempo, onde as convidadas ensinavam suas práticas profissionais e de cuidado e trocavam saberes. Parto do pressuposto de que as séries de entrevistas realizadas pela Rede *Inadequada* revelam mundos sensivelmente interligados, e que serão contados aqui.

Busco mobilizar e experimentar a noção-ideia de “inadequação” para multiplicar a potência dos corpos e da terra/Terra, sendo a conexão vital desta escrita-pesquisa, o corpo. Buscarei escapar, a todo custo, dos binarismos produzidos pelo patriarcado, pelo capitalismo, pelo antropocentrismo, pela ciência moderna, que

insistem em se manter como estruturas e lógicas de poder dominando modos de existência e abrindo desigualdades em todos os níveis e camadas, há muito tempo.

Peço a gentileza, para você que me lê, para que venha e possa sentir a dissertação como um ensaio autoral. Tomando como inspiração o que Isabelle Stengers diz sobre "ensaiar ou experimentar, no sentido pragmático do termo" (Stengers, 2015, p. 31), busco exercitar uma experiência de saberes pluriversais de ser-fazer-divulgar-ciência-pesquisa-escrita-prática-teoria, onde muitas camadas estão por fazer, vir a ser, tornar-se-ão modos de existir.

Para dar consistência à pesquisa, exercitei escapar ao julgamento do que pode ou não ser ciência-pesquisa com a *Rede Inadequada*, mobilizando assim o que a própria Stengers (2023) defende: uma desaceleração das ciências para dar mais espaço aos saberes ancestrais e femininos. Deslocar o corpo-escrita das imposições, categorizações, fixações, do *modus operandi* acadêmico de uma escrita que se espera saber-fazer para uma escrita que nasce contendo uma potência de vida e feminina, que é capaz de atravessar o intransponível, como as ervas daninhas que rompem o asfalto das calçadas, penetrando espaços e rasgando estereótipos. Outra aposta que será abordada durante a dissertação deu-se pela conversa-escuta em que a oralidade vem com força como modo/gesto/prática e faz vínculos no sentido de ampliar e compor com pessoas, seres, coisas, mundos, outros pensamentos em ato, praticando ampliar a cosmovisão para além dos binarismos e dicotomias.

Para dar vida a esta pesquisa foi necessária muita leitura interdisciplinar, o que talvez eu jamais conseguiria fazer em outro período da minha vida. Dar atenção às ideias e palavras em cada encontro com livros, artigos, teses, pessoas, plantas, objetos, revistas, entrevistas etc. As palavras encontravam-se expostas; aos poucos fui buscando novos sentidos, nomeações e renomeações, para reativar uma comunicação mais amorosa, viva e heterogênea, criativa e mais feminina.

Nota-se, contudo, que a escrita acontece na primeira e na terceira pessoa. Aproprio-me da linguagem em tempos diferentes para não cair numa escrita masculinizada e de certa maneira tecnocientífica e acadêmica demais. Até porque a linguagem ainda opera de modo binário produzindo subjetividades normativas nos corpos e nesse corpo que escreve. Numa outra dimensão, entendo a linguagem como corpo também, afinal é pela linguagem que os corpos se expressam no mundo. Como também a escolha por uma escrita no singular e no plural, misturando materialidades e subjetividades diversas. Esta é mais uma aposta de me colocar na pesquisa,

enquanto sujeito, pesquisadora, que se constitui a partir desse corpo que se entende mulher, parda, cis-hétero, feminista, vegana, ativista das mulheridades e das diversidades, educadora, comunicadora, gateira, tia, filha de uma relação inter-racial, estudante, professora, e outras que virão a ser, movimentando-se pela terra/Terra desde 1981. Para isso, tentarei potencializar cada encontro com outros corpos-materiais de todos os tipos como vídeos, imagens, sons, *posts*, entrevistas, revistas, livros, papel, *laptop*, obras de arte, em que tudo pode ser campo vivo para a pesquisa.

Cheguei até aqui porque lutei muito. E quem luta sabe que não tem um fim, é sempre um novo começo. Sendo uma pesquisadora e uma comunicadora-educadora multidisciplinar, não teria como agir sem dar novos sentidos aos já estabilizados sentidos e significados produzidos pela Ciência, Linguagem, Educação, Filosofia, Política e Comunicação. Soa um tanto arrogante aos olhos de quem lê, mas veja: o que proponho é uma sub-versão no modo de fazer ciências e divulgações na academia. A escolha por esse fluxo é pessoal e política, conforme aprendi nos estudos feministas. É necessário, em tempos de adoecimento dos corpos, que vozes divergentes, e que sofreram silenciamentos nas suas histórias, falem, escrevam, sejam ouvidas e lidas, para que plantemos novos e imagináveis modos de existência capazes de lidar com complexidades que a Ciência não conseguiu imaginar.

Foi durante o curso de Turismo, em 1999, que criticamente comecei a me entender como uma pessoa “feminista estraga-prazeres”, ou como uma mulher inadequada, porque questionava o *status quo* e me propunha a fazer diferente. As sociologias do lazer, as sociologias, a psicologia, as histórias de viagem à *la* antropologia, as visitas às comunidades ribeirinhas, pelos parques nacionais brasileiros, os eventos acadêmicos e culturais promovidos, sacudiram-me. Foi preciso sair a trabalho viajando pelo Brasil, e por algumas partes do mundo, para entender que viver-morrer não está atrelado a estar em um lugar considerado pelo turismo capitalista como paradisíaco. Era preciso mais do que apenas deslocar o corpo para um ambiente (menos) intocado pela ação do homem. Foi preciso colocar o corpo no mundo, para ativar todos os sentidos possíveis, aberturas para as potências da dimensão do feminino. Era preciso experimentar sem julgamentos o que se apresentasse. Encontrar, desencontrar, correr riscos, e deixar o corpo sempre entrar em estado de presença. Um estado do corpo que exige prática da sutileza da observação plena, como a meditação vipassana me ensinou. Presença é simplesmente ser; estar em presença é não reagir, simplesmente deixar ir e vir o que

se apresenta no corpo sem criar aversões ou apegos. Como se o corpo entrasse em fluxo contínuo como fazem as plantas, por exemplo, que conduzem do solo para as raízes até as extremidades das folhas nutrientes para o bem-estar e saúde. Talvez seja uma das mais difíceis práticas humanas, especialmente nesse tempo em que vivemos, em que é mais fácil imaginarmos o fim do mundo do que o fim de todas as violências e destruições.

Lá atrás eu desconfiei de que poderia ser uma pesquisador.a, uma acadêmica; não gostava da objetividade que a pesquisa na iniciação científica impunha. Meu corpo não correspondia. Desisti de seguir a pesquisa. Nunca seria capaz de voltar. Precisava trabalhar, ganhar dinheiro, ser alguém, ter uma família, cuidar dos filhos, uma casa, um carro, tudo o que uma "mulher" pode (podia) sonhar. Uma fenda se abriu, e talvez eu tenha caído. E a queda acionou um estado de inadequação permanente. Pensamentos normativos (ainda) inundavam o corpo. Tive que mergulhar no infinito de mim e voltar para contar novas histórias sobre os começos de quem eu sonhava e queria vir a ser. Dali em diante, passei a me interessar por "grandes questões", as questões nomeadas pelos cientistas de não científicas (Stengers, 2023, p. 63). Porque de muitas maneiras, a cada experiência com Turismo, fosse em eventos, planejamento, viagens de incentivo, passeios turísticos-pedagógicos, estive cercada por pessoas, seres e mundos muito divergentes que alargaram a minha visão, o modo de vida e a alteridade nas relações.

Desde então, venho buscando adequar-me novamente ou encontrar espaços que acolham a dimensão do feminino nas experiências por quais passei. Após uma longa jornada na área de Turismo, direcionei a rota e fui para a docência, assim como para mentorar e mediar pessoas nas suas fases de transição de vida e de trabalho em busca de propósito e sentidos alinhados com a terra/Terra. Foram alguns anos dedicados ao ensino superior e às mentorias e, mais recentemente, à Rede de Educação Feminista e Diversidade, a *Inadequada*. Escolher fazer a pesquisa no Labjor – Unicamp deve-se, especialmente, à interdisciplinariedade do programa, que me despertou a possibilidade de reativar, exercitar e potencializar um corpo-pesquisa-escrita. A aprender com a escrita acadêmica, escrever com Ciências e Culturas, com as potencialidades da divulgação científica e cultural como campo de trabalho e necessidade inadiável para os nossos tempos. Tempos esses onde os ataques ideológicos e físicos aos corpos estão nos levando a desconfiar da Ciência/Cultura e empobrecer os conhecimentos ancestrais, artificializando a ciência e enfraquecendo

as relações interespécies. Vivenciei a experiência da pesquisa numa universidade pública renomada, levando a sério o caso da *Rede de Educação Feminista e Diversidade – Inadequada* como uma força e prática que ativa a pesquisa, e não como um mero sujeito-objeto, o que abre para outras possibilidades de encontros e movimentos, inventando ciências com o que não se espera que se possa fazer.

Proponho com a dissertação cultivar um modo de divulgação que ousa experimentar o que Donna Haraway, bem antes de todo meu questionamento, nomeou de “saberes localizados ou saberes situados” (Haraway, 1995). Ou seja, divulgações que coloque, frente a frente, a relação privilegiada da Ciência, com letra maiúscula, com as questões e problemáticas de interesses coletivos. Para a autora, a ciência não é cumulativa, e por isso defende a perspectiva parcial, situada, porque, segundo ela, não existe o todo, um inteiro, mas sempre a parcialidade. Ou seja, propõe o abandono da ilusão de que há apenas um lado, a partir de uma perspectiva feminista especulativa. Filósofa, zoóloga e professora, mistura arte, filosofia, literatura, riso e artevismo, e é mais uma autora-interlocutora da dissertação. Com ela aprendo a importância da escrita e com quem essa prática pode e deve ser feita. A prática científica para Haraway é uma prática de contar histórias. A autora questiona também a problemática da separação naturezas-culturas em toda a sua trajetória e tece com Stengers relações onde tudo é matéria viva (organismo vivo) para a escrita.

Portanto, esta dissertação propõe percorrer outras vias de fazer pesquisa e divulgações, defendendo a proposta de um fazer científico-cultural mais plural, múltiplo, poli, subversivo, cosmo, tentando ao máximo aproximar saberes ancestrais e femininos dos saberes científico-culturais, mobilizando os corpos de mulheres, pessoas que se reconhecem mulheres e tantos outros corpos e da terra/Terra, como forças de transgressão e inadequação para responder a uma pergunta problema: de que modos pensar, sentir, viver a dimensão do feminino para além dos binarismos feminino-masculino, natureza-cultura, sujeito-objeto, teoria-prática, pode subverter as lógicas impostas pelo Antropoceno?

Para expandir essa pergunta-problema, convidei dezesseis mulheres a respondê-la. Suas respostas resultaram num áudio único¹, que transcrevo em texto a seguir:

¹ Este áudio foi editado por Bianca Mafra Elia e reproduzido na ocasião da banca de defesa desta dissertação em 9 de agosto de 2024.

“Eu fico pensando que a apropriação do corpo em si, e a aceitação da pluralidade existencial, da diversidade de corpos, é subversão aos olhos colonizadores que nos impuseram o fardo de um comportamento adequado como a subserviência, a castidade seletiva, a monogamia e todos os derivados da história reduzida e reprimida que resultam em injustiça, desigualdade e exclusão social. É preciso comprometimento na ocupação do espaço de tempo social. E eu acho que desse modo nós talvez possamos intensificar e amadurecer a luta por transformação da sociedade, com o envolvimento de todos, para que as vozes femininas e as vozes pelo feminino soem e reverberem.² / O feminino é o lugar da resistência, é o lugar do cuidado, da amorosidade, da potência, da transformação, da atitude. Mulher, no geral, tem a atitude para fazer a mudança, e eu acho que é isso é uma mudança que vem carregada de cuidado, carregada da possibilidade do coletivo, do que é circular, do que é para todo mundo, do que é familiar, do que é doce. Então eu acho que, independente de onde a gente vem, das condições que a gente tem, é muito importante você ter uma educação moral que te mantenha de cabeça erguida, com a espinha ereta, para que você possa ter autonomia para escolher estar onde você quiser estar, usando o que você quiser usar, sendo quem você quer ser, sem ninguém delimitando o que é o melhor para você. Eu acho que o feminino é sagrado mesmo por isso, porque ele é alguma força que a gente às vezes nem reconhece na gente, mas que ela está ali. É como se fizesse parte, é orgânico mesmo.³ / Me parece, sabe, que um caminho, uma pista possível para a gente poder estar diante dessa era chamada Antropoceno, é que a gente faça aliança com as plantas e com a terra, porque com elas eu acho que a gente pode aprender a viver nos tempos, nesses tempos e outros que virão de muita ruína e catástrofes. E é claro, quando eu olho em concreto rachado, e dali brota a vida, as plantas estão nos ensinando que é possível mesmo diante de muito concreto, em alguma fissura a vida insiste em brotar e ela avança, e ela se regenera. Então eu acho que trazer junto aqui as plantas e a terra, como já dito, traz algumas pistas para a gente poder estar diante dessa era de catástrofes chamada Antropoceno.⁴ / Pensar essa dinâmica nas brechas, discutir essas questões da não-binaridade, elas são fundamentais para que a gente continue viva mesmo, continue pulsando como a terra, como as árvores, como as flores, como

² Fala de Daniela Cais.

³ Fala de Jaqueline Gomes da Silva.

⁴ Fala de Mariana Vilela Leitão.

o mar, como tudo que vive em cima desse planeta terra e embaixo desse sol, desse grandioso sol, então é muito complicado pensar em como é que a gente sai dessas brechas, como é que a gente age nessas brechas, mas eu acho que uma das principais ferramentas é viver em coletivo mesmo, pensar em coletivo. É trazer para essa base da discussão, como a Milena trouxe essa dissertação tão maravilhosa, esse tema tão inadequado e tão provocativo. Pensar o coletivo, viver o coletivo, eu acho que pode ser um ponto crucial na nossa tomada mesmo de poder, e poder sobre os nossos corpos, sobre as nossas corpos, sobre as nossas mentes. Poder sobre o que a gente vai decidir, poder sobre o que a gente quer, o que a gente não quer.⁵ / É preciso olhar para a nossa ancestralidade, buscar resgatar como Sankofa, o pássaro Sankofa, que ele representa esse andar, caminhar, avançar, mas olhando para trás, pegando as referências do passado e construindo uma nova realidade. Eu penso que só assim é possível que cada vez mais isso está nas mãos das mulheres negras na nossa sociedade, e isso está a partir dos saberes ancestrais.⁶ / Superar esse binarismo significa adotar uma perspectiva mais integradora, que reconhece a interdependência e a cocriação de todas as formas de vida e sistemas, ao invés apenas de explorá-los.⁷ / Pensar que num espaço e num planeta onde há tanta cor, tanta natureza e naturezas, a redução e a ideia de que nós estamos ou a favor ou contra, temos o branco ou negro, ou pior ainda, o branco ou não branco, é de novo reduzir todos os outros corpos que são inadequados. São inadequados simplesmente porque foi criada e imposta uma regra do que seria a norma do que seria “normal”. Por isso eu entendo que cada vez que a gente amplia a ideia do que significa feminino, considerando muito além da expectativa da sociedade sobre como uma mulher ou como um corpo feminino deveria se comportar, por si só já é uma tentativa de frear todas as consequências e tudo o que vem a partir do Antropoceno. Uns dizem que de fato estamos nessa era, outros dizem que não, mas, de um jeito ou de outro, a presença que aqui é dita como a presença do homem na Terra tem causado imensos impactos. E cada vez que a gente continua permitindo que aquelas pessoas que estão no poder continuem ditando o ritmo e a forma como o planeta Terra vai ser regido, todo mundo perde com isso. Eu acho muito interessante colocar uma perspectiva de recorte, não só de gênero, mas de raça

⁵ Fala de Mariana Calu Galindo.

⁶ Fala de Paula Carol Batista.

⁷ Fala de Thais Kuroba.

nessa questão, porque é bem curioso pensar que o binarismo também elimina a existência de todos os outros povos e todas as outras etnias. É como se houvesse o branco e o não branco, ou seja, de novo, na tentativa de se manter como maioria, são só dois polos: aquilo que não é branco é todo o restante, e se ignora que além do não branco há os negros, os povos originários no Brasil, no continente norte-americano, os asiáticos, europeus, outros colonizadores. Enfim, de novo, entre 8 bilhões de pessoas, há muito a se ver além do branco e o não branco, além do que é dito como natureza ou humano, ou construído. E na natureza por si só: quanta coisa a gente deixa passar de vista quando a gente considera que todos os saberes que vêm de lá, e toda a medicina que vem de lá, é uma única coisa.⁸ / Minha teoria é de que o feminino também é o futuro porque a gente está na base. E são só as mãos que construíram essa base que poderiam de alguma forma pensar, sonhar em reformulá-las. E eu acho que isso vai acontecer, nem que para isso a gente precise destruir tudo. E sem medo, destruir sem nenhum tipo de medo, porque, afinal, se a gente sobreviveu do que a gente germinou por séculos e séculos, enfim, por todo o trajeto da humanidade, a gente sabe como recomeçar. A gente sabe que onde existe a força do renascimento não existe fim.⁹ / Foi muito incrível, assim, no dia em que eu parei de olhar que horas meu filho estava mamando, parei de olhar a hora, silencieei total meu celular. Não que eu não usasse meu celular, mas eu parei de ver a hora das coisas, eu parei de começar a ver muita teoria e comecei a olhar mais para os olhos do meu filho e ouvir o que eu sentia. Porque começou a ter uma confusão de teorias na minha vida, que eu percebi que eu estava começando a perder o que era mais importante, que era viver a minha história com o meu filho.¹⁰ / O feminino, ele gera vida, né? Ele gesta a vida, depois ele pare a vida, né? Eu acho que é muito revolucionário, esse gerar e parir, trazer à luz vida. No meio de tanta morte que o capitalismo tem gerado no mundo, tanta morte da nossa alma, tanta morte da nossa beleza, da nossa poesia. Eu acho que o feminino se colocar de pé como gerador, gestador e paridor de vida é fantástico, é a revolução. E o feminino, seja em qualquer ser humano, inclusive nos seres humanos masculinos e nos não binários, o feminino traz o cuidar da vida, né? O cuidado com a vida, o acompanhamento da vida, o crescimento da vida, a evolução da vida, o amor para com a vida, a gente vai tendo

⁸ Fala de Monique dos Anjos.

⁹ Fala de Barbara Helena Daniel.

¹⁰ Fala de Tania Silva.

cada vez menos contato, com o que é de fato viver nessa lógica, nesse sistema. Então é muito subversivo cuidar da vida, e esse cuidar da vida é do feminino é a mulher, né? O feminino que cuida, que acompanha, que passa a mão na cabeça, que pega no colo, que acolhe, que chora junto, isso é do feminino.¹¹ / A gente falando de criança, né? Mas eu penso na família de modo geral, né? Na minha família eu tive inúmeras condições de família. Eu tive uma família com pai, mãe, irmão e avó junto na mesma casa, depois pai, irmão e avó na mesma casa. Depois mãe, eu e meu irmão; depois eu, minha irmã e minha filha; depois minha filha, eu sozinha; eu e um amigo, então, assim, como? Como que existem pessoas que ainda pensam nos processos binários da vida num todo, né? É uma condição de muita castração, porque se o universo é plural, essas condições são múltiplas. Eu não sou a mesma desde quando eu nasci. Não existe. A gente não segue esse processo, é uma ação muito natural.¹² / Acho que a inadequação está muitas vezes até no nosso ciclo menstrual, porque ele não se adapta à lógica produtiva do mercado. Então são várias questões que estão envolvidas aí, mas eu quero destacar essa especialmente e dizer que é isso, né? Eu acho que essa lógica é tão maléfica que nenhum corpo é adequado, que nenhum corpo está dentro do padrão estabelecido, porque esse padrão é um padrão adoecedor para nós mulheres.¹³ / No fundo é o controle dos corpos e das corpos, né? Pensar em inadequação enquanto um local de libertação dessa norma e roubar para nós. Essa identidade de inadequada, para mim, enquanto travesti, enquanto mulher trans não binária, perceber as inadequações do meu corpo diante da sociedade e não as adequar, resistir, fazer esse movimento intenso interno de resistir a uma tentativa leviana de nos adequar, né? Eu gosto disso, de pensar na fresta, na brecha, na cicatriz, onde a gente pode escorrer e encontrar poros para ir em frente. Diante dessas barreiras que vão se mostrando, como é que a gente pode ser permeável, uma a outra na relação e assim gerar questionamentos novos, mesmo que perturbadores, mesmo que inquietantes, inadequados, a gente dar vazão para isso, né? Mesmo que na brecha, mesmo que na fresta, no poro, a gente tem que buscar essa jornada. Tudo isso que eu ouvi aqui dessas mulheres me

¹¹ Fala de Neyla de Souza Simas da Silva.

¹² Fala de Erika Bispo Dos Santos.

¹³ Fala de Raíla Silva Maciel.

alimentou nesse sentido de proteger a inadequação, de proteger a cicatriz. Esse paradoxo de aqui doeu e aqui curou”¹⁴.

Nesse sentido, sinto a importância de fortalecer o debate sobre o tempo que estamos vivendo, e como tem sido difundido, entre pesquisadores, cientistas, ativistas, ambientalistas, feministas, climatologistas políticos, educadores etc... Cada um, ao seu modo, que tenta nomear estes tempos para combater, em diferentes escalas, as violências e devastações em curso. Pesquisadores das geociências são os precursores, nomeando-o de Antropoceno (Latour, 2021). Longe de ser um consenso nas ciências de modo geral, para Danowski e Viveiros de Castro (2014, p. 20 e 30) o Antropoceno é uma época, no sentido geológico do termo “[...] a transformação da nossa espécie de simples agente biológico em uma força geológica”. O que está em curso, e o que pode ser nomeado, é mais do que a mudança climática e a ação do “homem”: tudo está interligado de modo sistêmico em padrões que nos ameaçam com grandes colapsos do sistema sobre outro sistema e assim por diante (Haraway, 2023, p. 180). Vivemos, portanto, um tempo marcado por transformações complexas advindas das relações engendradas entre capitalismo, ciência, política, tecnologia, combinando crises e colapsos para todos os seres da Terra.

Para pensar diante do Antropoceno encontro-me com a filósofa da ciência Isabelle Stengers, que trouxe uma força vital para a dissertação, devido à trajetória de dedicação às ciências pensada e praticada como reativação da capacidade de assumir responsabilidade objetivamente e subjetivamente no uso das palavras, atitudes, e pelo modo como percebe que os relacionamentos alegres e responsáveis entre corpos heterogêneos são a condição para qualquer encontro. Para Isabelle Stengers (2012) pensar-agir juntos, sem um objetivo dominante, é o maior desafio dos nossos tempos, e isso é tão importante quanto alcançar qualquer tipo de resultado científico. As situações complexas que se impõem aos corpos na terra/Terra são verdadeiros desafios em termos ecológicos que impactam diretamente a saúde, a comunicação, a educação e as relações que teremos que reestabelecer com as espécies ainda sobreviventes.

Além de Isabelle Stengers, que caminha ao meu lado, trago como materiais: estudos feministas pela intelectualidade de algumas teóricas, ativistas, artistas,

¹⁴ Fala de Asha Donini.

professoras e filósofas; alguns eventos e práticas da Rede *Inadequada*, que aconteceram entre 2018 e 2023; e conceitos, abordagens teóricos-metodológicas, de outra filósofa das ciências – Donna Haraway – que entrará de modo mais pontual ao longo da dissertação, assim como, também, Paul Preciado, bell hooks, Grada Kilomba, Carla Akotirene e Miriam Tola, com perspectivas feministas situadas. Preciado, por exemplo, diz que o feminismo cria seus próprios excluídos: “mulheres não brancas, trabalhadoras sexuais, lésbicas, usuárias de drogas, chicanas, mulheres transexuais e transgêneras, mulheres deficientes, imigrantes” (Preciado, 2018, p. 9) e, se continuarmos a citar, mulheres indígenas, rebeirinhas, quilombolas, etc, etc, etc. As exclusões acontecem na medida em que os feminismos avançam e criam discursos, práticas, leis, significados e subjetividades universais para mulheres. Podemos reparar, por exemplo, que o feminismo considerado radical não integra em suas pautas e reivindicações as mulheres trans. Então onde elas estariam? Estariam fora da norma. Deslocadas, inapropriadas, racializadas e descolonizadas, buscando modos de vida que criem alianças e afeto em outros feminismos e relações. Devido a esses diálogos transversais, outro objetivo desta pesquisa é dar consistência a uma metodologia que extrapole os métodos qualitativo e quantitativo, propondo um modo divergente de divulgação de ciências/culturas, ativado pela arte do cuidado com as palavras.

O que desejo suscitar, também, é que a inadequação emergja como um atributo da terra/Terra e assim dos corpos que habitam e formam a terra. Essa pequena-potente formulação pode ser encontrada nos artigos escritos pela professora Dra. Susana O. Dias (2022, 2023). Stengers é uma filósofa que pensa a força da diferença como força criativa da vida. Existe diferença entre terra, no sentido de solo, e Terra, no sentido de planeta. A terra/Terra, tenho pensado com Stengers, seria uma conexão entre diferentes escalas e dimensões e não uma semelhança. A terra/Terra ensina aos corpos ditos humanos, todos os dias, a mais urgente e necessária grande lição cósmica da dimensão do feminino: aprender a “fazer pegar novamente, como se diz das plantas – a capacidade de pensar e agir juntos” (Stengers, 2015, p.148).

Portanto, a metodologia desta pesquisa envolve dar consistência a como se dá a dimensão do feminino, tecendo encontros heterogêneos e apoiada pelo feminismo numa perspectiva decolonial, interseccional e trans. Modos que encontro como forma de compor novos mundos e criar sentidos e novas maneiras de divulgar ciências e culturas. A metodologia, pensada desta maneira, é uma somatória de

pequenos gestos que são ativados pela mesopolítica (Stengers, 2012). Os gestos metodológicos passam pela busca de uma escrita autoral que mistura temporalidades e materialidades, somada à experiência pessoal da pesquisadora, conforme dito acima, tecendo conexões interdisciplinares entre algumas mulheres da Rede *Inadequada*, feminismos e colapsos climáticos.

De uma outra perspectiva, o termo Antropoceno é problematizado na pesquisa, pois tem sido visto, tanto pela comunidade científica quanto por artistas, feministas, ativistas, filósofos, educadores, povos originários e comunicadores, como uma grande armadilha que arranca os sentidos, empobrece o pensamento, enfraquece as ações, encontros e práticas, sendo brutalmente devastador para todos os corpos. É inevitável que o debate se amplie, devido às lógicas regidas por sistemas dominantes e exploratórios que o Antropoceno ativa e engendra com Estado, Ciência e Política, em convergência com a tecnologia. O debate passa por novas e criativas nomeações que pensem outros funcionamentos das lógicas já geradas nessa narrativa antropocêntrica: a centralidade do humano, a colonialidade, a reativação dos binarismos natureza e cultura, e assim por diante: homem e mulher, teoria e prática, ciência e ancestralidade, feminino e masculino (Haraway, 2023).

Ao longo da dissertação vamos nos relacionar com um dos conceitos-chaves para a dissertação: a intrusão de Gaia (Stengers, 2015). Para Stengers (2015), a intrusão de Gaia perturba as temporalidades humanas, porque produz o efeito de presente, passado e futuro sobrepostos. O novo regime climático impõe a importância de darmos atenção imediata e diária a como vamos criar modos de ser e viver daqui em diante. Gaia ocupa espaços-tempos, é capaz de incomodar, sem pedir licença ou adequação, aos humanos ou a outros organismos da Terra. Penso que isso acontece pelo fortalecimento da “arte de ter cuidado” como um aspecto da dimensão do feminino, a qual Stengers também nos ensina e que passa por prestar atenção, ter e cultivar cuidado, dando-nos a ver novas perspectivas sobre o não julgamento. Não julguemos Gaia: “ela” não tem nada a dizer, apenas a movimentar. Gaia é feita de movimentos de corpos multidimensionais.

Contudo, para algumas pessoas, Stengers pode parecer “inadequada” para pensar a dimensão do feminino na pesquisa, afinal, ela não cita ou aprofunda a noção de feminino ou feminismo em todas as suas obras. Mas se destaca devido à sua capacidade de fazer corpo diante das práticas dos mais divergentes e heterogêneos grupos, desde as bruxas neopagãs dos trabalhos de Starwalk até os cientistas. O elo

com Stengers dá-se pelas práticas e experimentações; sendo assim, não há prática sem corpo. O que me move na pesquisa e busco (des)envolver é a resistência da dimensão do feminino que está no corpo e pelo corpo, gerando uma intenção indomável por criar vínculos de cuidado e afeto entre humanos e não humanos e da terra/Terra. Abro-me para as impermanências, e fazendo parentescos, extrapolo as normas capitalistas-hetero-patriarcais-racistas e biológicas.

Parto da minha história individual, mas não só. Tento alcançar outras mulheres, pessoas e práticas, histórias e narrativas, que em composição com mundos e seres vão me autorizando a escrever. A relevância da pesquisa está nas conexões afirmativas da minha vivência enquanto um corpo que pesquisa e se desloca para o coletivo, para ouvir histórias e fazer histórias, nomear e renomear palavras que foram estabilizadas, cooptadas, perturbadas e esquecidas. Todavia, para Stengers (2015) nomear é inventar, criar respostas, fazer mais questões, resgatar as ciências e mais saberes, cosmologias, cosmopolíticas, para enfrentar as “verdades inconvenientes” (Stengers, 2015, p. 187).

PARTE I

A inadequação das mulheres e da terra/Terra: a dimensão do feminino nas práticas diante da intrusão de Gaia

1.1 Os incômodos tomaram o corpo: feministas e femininos em movimento

Trataram-se de tempos difíceis com que lidar. O corpo sentia as dores das escolhas políticas de pessoas próximas, de algumas pessoas da família, de amigos, amigas, clientes, alunos, alunas, vizinhos, colegas de profissão. O mundo estrangulava o que eu não sabia nomear e, ao mesmo tempo, o corpo dava-me sinais de que algo mais profundo e desordenado estaria por vir.

O #Elenão foi o impulso que me fez (trans)bordar para o papel uma espécie de grito. “Culpadas” por criar um movimento nas redes sociais, uma espécie de ciberativismo liderado por mulheres, o #EleNão, foi lançado no dia 29 de agosto de 2018, surgiu da organização de um grupo de mulheres formado no *Facebook*, denominado “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”¹⁵. Em poucos dias, diversas mulheres juntaram-se ao movimento nas redes sociais, especialmente nas redes (ex) *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*. Tornando-se a maior manifestação de mulheres na história do Brasil (Rossi; Carneiro; Gragnani, 2018). Conforme noticiou a revista *Exame*, no dia 12 de setembro, em pouco menos de duas semanas após a criação do grupo, o Mulheres Unidas Contra Bolsonaro ultrapassou 1 milhão de usuários (Seta, 2018). As administradoras sofreram ameaças, mas o movimento tornou-se tão forte que expandiu para as ruas de muitas capitais e cidades do Brasil e em outras capitais pelo mundo como Londres, Paris, Lisboa e Nova York. Segundo a professora e cientista política Céli Regina Jardim Pinto, em entrevista à BBC Brasil, o movimento #EleNão se aliou a pautas além do feminismo:

“#EleNão virou um significante cheio de significados. Isso é muito importante na luta política. Começou pelas mulheres, porque Bolsonaro disse frases de baixo nível em relação a mulher, e foi englobando muita coisa, como a defesa da democracia e dos direitos humanos”, continua Céli. (Rossi; Carneiro; Gragnani, 2018).

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/499414607198716>. Acesso em: 30 out. 2023.

Estávamos mergulhadas em estudos feministas e nas práticas da Rede de educação feminista e diversidade, a *Inadequada*. Os estudos me conectaram às vozes, movimentos como o #Elenão e narrativas de divergentes feminismos: negro, interseccional, lésbico, ecossocialista, marxista, especulativo, ecofeminismo, transfeminismo; cada um escancarava mundos e experiências das quais eu não podia mais deixar de ver, sentir e me afetar. Entendemos, pensando as iniciativas da Rede, que juntas seríamos mais fortes para atravessar o que estaria vindo pela frente, em termos políticos, sociais, sanitários e climáticos no Brasil, especialmente na maior cidade do Brasil, São Paulo, onde a maioria de nós se localizava. E assim, os estudos dos feminismos foram nascendo, conforme o desejo e as tensões que eram geradas por nós quando nos ouvíamos em alteridade em cada encontro, curso, entrevista e ciclo de conversa no qual nos propúnhamos mergulhar.

Sabíamos que não estávamos inventando um novo feminismo, mas tínhamos a certeza do que estávamos fazendo; contando nossas histórias umas para outras, buscando acolhimento e espaço para nos manter vivas durante uma onda política conservadora e o descaso por parte do governo com a pandemia. Quero ressaltar que o feminismo como movimento social e político surgiu na Europa e EUA, por volta do século XVIII e século XIX, buscando combater as discriminações e opressões de gênero. Mulheres, nessa época, eram consideradas loucas, histéricas, bizarras. A figura central das decisões e estrutura de pensamentos era o homem, branco, cis-hétero. Com o passar dos anos, o feminismo começa a alargar-se com novas vertentes, em ondas feministas que trouxeram movimentos específicos, com pautas sobre questões étnico-raciais, questionamento da identidade de gênero, etc. As pautas relacionadas à negritude foram ganhando destaque através do trabalho de intelectuais negras como Angela Davis, bell hooks, e, aqui no Brasil, com Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Beatriz do Nascimento, Cida Bento, entre outras. Vemos que o feminismo mostra ter raízes eurocentradas, mas, com o passar dos anos, vem se ampliando com teorias e práticas decoloniais e heterogêneas – como o próprio transfeminismo, escrito e reivindicado por corpos trans.

Digo tudo isso e ressalto que não aprofundarei nesta dissertação sobre cada feminismo e suas histórias. Quero apenas demonstrar que alguns feminismos estão sendo mobilizados na pesquisa, especialmente o decolonial, o interseccional e o transfeminismo, que foram escolhidos por serem forças de lutas e enfrentamento dentro

dos feminismos, pois escapam aos binarismos e suscitam novas questões que pedem ao feminismo que transforme junto com seu tempo. Esses feminismos nos auxiliam na expansão da consciência para pensarmos, sentirmos e vivermos uma grande travessia no Antropoceno, já que esse tempo quer se fixar no binarismo e continuar a produzir narrativas, compartamentos destrutivos, elegendo quem pode viver e quem deve morrer. Nota-se que a “humanidade” pela perspectiva de Stengers não escolhe ser enfeitada pelo sistema-patriarcal-capitalista para obter sucesso e avanço como modos de ascensão, é simplesmente contaminada pela feitiçaria, entrando em modos de viver conectados ao consumo, o poder, e opressões contribuindo para que mais colapsos irreversíveis nos corpos e na terra/Terra aconteçam. Por outra via, é possível nos libertar da violência gerada por esse tempo, o Antropoceno, criando uma educação-política-comunicação transformadora em convergência com esses feminismos, que seja capaz de fazer pensar potencialmente naturezas-culturas juntas e que possa criar novas formas de agir-pensar-fazer com o que está posto nas teorias e experiências passadas quando o tema são as mulheres.

Interessadas em relacionar a dominação da natureza e a dominação das mulheres, pode-se dizer que algumas ecofeministas geraram outros incômodos para o feminismo. Nesse sentido, é importante falar do ecofeminismo para questionar que, em certa medida, subestimaram e inferiorizaram a mulher e a natureza, de modo a fixar as dicotomias mulher/natureza, feminino/masculino, selvagem/civilizado, natureza/cultura, público/privado, animal/humano, e de certa maneira contribuíram com o especismo (preconceito contra não-humanos). Temos que considerar uma multiplicidade de como o ecofeminismo se constituiu, porque permeia o ativismo, a ecologia e também a academia. Fabiana Maizza e Susanne Alencar Vieira (2018) analisam e comparam os ecofeminismos e o feminismo da segunda onda, que começou por volta dos anos 60, justamente quando o movimento ambientalista começa a ganhar força:

ambos usaram a abordagem materialista para explorar a opressão das mulheres, e foram por isso taxados de etnocêntricos, racistas, elitistas, colonialistas e homogeneizando as experiências femininas através da experiência de mulheres brancas, de classe média heterossexuais, do “norte” do planeta (Maizza; Vieira, 2018, p.10).

O terreno é espinhoso. Maizza e Vieira defendem uma relação de convivência entre feminismo e ecologia, e que deve se pautar por teorias que criticamente

assumam a categoria natureza. A palavra natureza é falada e vivida e escrita com sentidos e práticas diferentes, quando pensamos em grupos heterogêneos ou grupos de feministas ligados à terra/Terra, como indígenas, camponeses e de certa maneira latino-americanos. As críticas de algumas feministas ao ecofeminismo estão na naturalização das habilidades femininas, que advém do binarismo mulher/natureza. Isso acabou revelando uma estabilização da categoria “mulher” e ampliou o debate no feminismo e outros campos do conhecimento sobre a ideologia de gênero.

Para algumas vertentes do feminismo, gênero é uma estrutura que se faz para além da questão biológica, por ser constituído de muitas camadas. Para a intelectual filósofa Judith Butler, gênero é um dispositivo, e “pode ser que o problema seja ainda mais sério” (Butler, 2008, p. 23)

A identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento. (Butler, 2008, p. 23).

Os “problemas de gênero” estão em todos os lugares: na linguagem, na caracterização, na categorização, nos sistemas, nas construções das epistemologias. Gênero é *trouble* (Haraway, 2023, p.13). Pensar gênero com Haraway (2023) requer entender o que ela entende por “trouble”, que têm uma centralidade em seu trabalho, sendo o título do seu livro *Staying with the trouble* ou em português *Ficar com o problema*. Trata-se de uma noção que funciona mais como aprendizado a estar “verdadeiramente presente” (Haraway, 2023, p.13) e se tornar capaz de responder coletivamente aos tempos confusos, respeitando todos os tipos e corpos, e assim viver e morrer fazendo linhas de conexão e parentescos como uma prática de aprendizado.

Talvez um dos grandes *troubles*, pensando (com) no sentido de Haraway (2023), seja dar atenção e presença ao debate da sexualidade em todas as áreas de produção de conhecimento, porque um dos instrumentos de controle passa por definir a sexualidade dos corpos e impor regras e normas, fazendo de mulheres e pessoas lgbtqi+ os principais alvos. Narrativas ultraconservadoras que levam esses corpos a violências e à morte têm sido produzidas em muitas frentes. Na *Inadequada*, a motivação de um dos Ciclos de Conversas foi Sexualidade, em setembro 2020. Convidamos uma mulher bissexual, uma mulher negra e uma mulher trans para versaram a importância de conversar com outras pessoas sobre a sexualidade que o corpo flui, convoca a cada experiência. E que a noção de gênero deve ser debatida,

levando em conta uma maior diversidade de corpos a falarem sobre o tema. Alessandra Abdalla, dentista e mãe, e Rosângela Alves, fundadora do Sampsaling¹⁶, fundadoras da Pitaya, um espaço seguro para falar sobre a retomada do sexo pós-maternidade, trouxeram a perspectiva que as duas viveram, de modos diferentes e complementares, sobre os efeitos no corpo advindo de um dos acontecimentos mais misteriosos de corpos na terra/Terra: a gravidez. Mesmo que a sexualidade seja um tabu para mulheres grávidas ou no puerpério, desejo, prazer e fluidez devem ser atributos dos corpos como expressão de vida. Por outra perspectiva, a de um corpo trans, estava Jenny Oliveira, cosmetóloga e atualmente gestora na empresa Natura em São Paulo, que nos sacudiu. A história da sexualidade era de uma ordem misteriosa, que nos causava torpor, preconceito e intimidação. Como um corpo trans fala a sexualidade? Jenny foi corajosa e agiu em alteridade com o público presente. Foi firme nas palavras, que reverberavam em todos os corpos como um grito de vida. Ter partes do corpo heterogêneas, e portanto desejantes, talvez seja de fato um “trouble” – nem toda a astúcia imaginativa da ficção feminista daria conta de contar essa história. Jenny nos instiga a estudar sobre transfeminismo, mas não só, ela nos desperta para uma das grandes problemáticas do tempo do Antropoceno: a transformação que já estamos vivendo em termos planetários e dos corpos que habitam a terra/Terra. Portanto, gênero é mais que a biologia que um corpo carrega, é estar com o corpo entrelaçado por “lugares, tempos, matérias, significados” (Haraway, 2023, p.13), ser um corpo em movimento contínuo e fluido vivendo em tempos confusos e complexos. Jenny nos propõe que entrelaçássemos lugares, tempos, matérias, significados, para tentarmos alcançar espaços-tempos marginalizados, desconsiderados, inadequados. Ela nos ampliou para a transformação, “difícil falar, difícil escrever, quando ainda estamos discutindo e debatendo sobre gênero e sexualidade, já que a sociedade já mudou e transformou, mas em muitos espaços ainda se discute o conceito, o termo, a noção”¹⁷.

O Ciclo de conversas é um modo de divulgar as questões-problemas que o Antropoceno produziu. Faz colocar fogo nos binarismos e nos feminismos e a suscitar pesquisas, pessoas, e modos de fazer subversivos.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.sampsaling.com.br>>. Acesso em: 2 set. 2024.

¹⁷ Fala de Jenny Oliveira no Ciclo de Conversas, realizado no dia 26 de setembro de 2020.

Figura 1: Divulgação do Ciclo de Conversas “Sexualidade”



Fonte: Instagram da @inadequada_

Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CFND0cfnVTM/>> . Acesso em: 24 abr. 2024.

Nesse sentido, Stengers (2015) ensina-nos sobre tornar presentes e importantes as divergências – por exemplo, a discussão em torno de gênero, uma vez que suscita pensamentos e ações heterogêneas, nutrindo-nos para novas aberturas à dimensão do feminino. Identidade e gênero não podem ser consideradas categorias fixas, pensadas e produzidas exclusivamente a partir de aspectos biológicos, como a medicina, a história e a ciência nos contou. Destacamos as interpelações sistêmicas produzidas pelo Antropoceno (ou seja, o patriarcado aliado ao capitalismo) que continuam a tratar a mulher como um corpo universal biológico, dócil, frágil, com a funcionalidade exclusiva de ser mãe, impondo normas e proibições, e reforçando que mulher é somente quem tem útero. Simone de Beauvoir, na França, em meados dos anos 50, já suscita tal categoria quando escreve o livro *O segundo sexo*, no qual afirma “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Beauvoir estabelece um caminho importante para não reduzir as mulheres, nem o feminino, tampouco os feminismos. Estes estariam, e sempre estarão, por vir, como é o caso do transfeminismo, dos estudos *queer* e das cosmologias indígenas (saberes ancestrais que estão na Terra bem antes de todas essas discussões) que veem rios, árvores, fungos, plantas, animais como parentes, sem criar hierarquias entre eles.

Contribuindo para como as questões devem ser feitas nesse tempo de colapsos, Isabelle Stengers propõe pensar com outros grupos e seus saberes ancestrais, como o povo lorubá, ecofeministas e bruxas neopagãs Wicca

(especialmente da tradição *Reclaiming*, lideradas por Starhawk), no sentido de ampliar as visões e o jeito de fazer ciência. E é por isso que Stengers é tão relevante na pesquisa. De muitos modos ela busca vozes para além da científica para pensar as questões das catástrofes que estão por vir. Para Stengers, as bruxas neopagãs tem um papel importante e as considera ousadas, pois praticam, além de rituais de cura invocando deusas e reativando a espiritualidade, ações afirmativas de justiça climática e social, como bloqueios antinucleares e protestos contra a globalização no *Occupy Wall Street*. Stengers (2015) destaca, para mim, o modo como tais mulheres e outros grupos de pessoas que estão criando pensamentos e atos, podem elaborar respostas menos bárbaras diante de Gaia, e questionar os saberes, fazeres ou a própria "sociedade do conhecimento", para colocar em movimento dinâmico capaz de estar em equanimidade e em composição com a Terra.

A parte do trabalho da *Inadequada* é pensar a dimensão do feminino como modo de darmos atenção e presença às necessidades que nascem da contingência desses tempos desafiadores no Antropoceno, pensado pela perspectiva de estudos feministas decoloniais, interseccionais e trans. Leva-se em conta que, diante da intrusão de Gaia, não temos mais tempo e não nos cabe mais pensar o corpo numa perspectiva binária, como muito fez o patriarcado-capitalista. Os binarismos enfraquecem a escuta de corpos divergentes. Sendo assim, o movimento que estamos fazendo é em busca da superação do binarismo, de sua expansão. Uma das ideias centrais de toda a discussão é propor que pensemos e defendamos que não existe um modelo único de mulher (cis ou trans), e sim, sobre como criamos sentidos político-culturais para a mulher. Mulher como pensamento multiespécie, como corpo heterogêneo, que se faz pelas divergências, como Stengers ensina, afirmando que "não requer que se respeitem as diferenças, mas que se honrem as divergências" (Stengers, 2015 p. 139). Portanto, as práticas, entrevistas e relatos que foram produzidos e apresentados, buscam basear-se em relações abertas e escutas sem julgamento, pela proposição de não operar no velho *modus operandi*.

Penso que a dimensão do feminino não está atrelada à ideia de mulher como categoria ou a um dispositivo, e sim a uma perspectiva de um corpo que está sempre em *devir com*. O que entendemos e praticamos na Rede *Inadequada* é que a dimensão do feminino não está exclusivamente atrelada ao gênero. A dimensão do feminino nos convoca ao *devir com* (Haraway, 2023), que é sempre situado e em relação a alguém e a alguma coisa. Segundo Haraway, estamos em relações de

parentescos e aproximações, e “precisamos um dos outros em colaborações inesperadas, em amontoados quentes de composto” (Haraway, 2023, p. 17).

Para analisar essas relações, entendemos que o feminismo (por vir) é (pode) capaz de convocar mudanças para novos modos de viver e contar histórias que subvertem as normas capitalistas e coloniais-patriarcais, sendo impossível agir sozinho nesse movimento. As lógicas que estão em ação são produzidas por sistemas de controle de todos os corpos, macerando-os em recursos, acabando com qualquer tipo de vitalidade. A *Inadequada* nasce a partir de inquietações e incômodos de muitas de nós, de muitos corpos, que reivindicam a vida e o bem viver. É um espaço que podemos escrever com delicadeza e sensibilidade e contar nossas histórias individuais e coletivas, um lugar de envolvimento e acolhimento. Onde as palavras são livres de julgamentos coloniais, e que forma um “nós” pela prática da dimensão do feminino. Defendendo a alteridade, o afeto, a linguagem e o pensar dos corpos.

O projeto Roda oral, feito por Keka Marcondes em colaboração com a *Inadequada*, realizado em julho de 2020, é um exemplo de como praticamos as diferenças e divergências em nós. Keka é historiadora e pesquisadora do pan-africanismo, mediadora pedagógica, fundadora do coletivo antirracista Manidade, mulherista africana e integrante da *Inadequada*. Disposta a ampliar o diálogo pluriversal africano e diaspórico, estimulando o olhar para os desdobramentos do racismo no Brasil, mediu um grupo de professores de uma escola particular de São Paulo durante 3 encontros *online*. O curso foi fechado, aberto a inscrições limitadas. O mais curioso é que a maioria das pessoas presentes eram pessoas brancas. Questionadas por Keka, falavam de seus privilégios, entrelaçados pelo ensino de história na escola, e como as questões do racismo estavam presentes na própria maneira de contar e ensinar história do Brasil. As aulas seguiram vibrantes, conversas sobre branquitude emergiam. Ali, a história contada sobre o Brasil foi a história negra, na perspectiva da negritude em África, trazendo toda a violência que levou à destruição de muitos corpos de várias etnias africanas. Na sua abertura, Keka pede licença à ancestralidade e ritualiza com a libação, mesmo de modo *online*. Compartilha a tela apresentando inicialmente os valores civilizatórios africanos, destacando a potência da sabedoria africana que enaltece a circularidade, a oralidade, a energia vital, a ludicidade, a memória, a ancestralidade, a espiritualidade, a corporeidade, musicalidade, a comunidade. Aprendemos com ela que o racismo está impregnado em nós, inclusive no berço da filosofia. Ela continua a nos impactar quando nos

convida a ouvir a música do Emicida, “Mandume”¹⁸, e pergunta-nos: o que vocês sentiram, pensaram?

Karina Costa, uma das participantes, manifesta-se dizendo: “É uma música-protesto, que traz uma linearidade pela ótica africana. Emicida critica a visão da casa-grande e senzala produzida por Gilberto Freyre, coloca-nos de frente para o Brasil racista, ao mesmo tempo que enaltece a história dos corpos africanos antes da escravidão”¹⁹.

Figura 2: divulgação da Roda Oral com Keka Marcondes



Fonte: *Instagram* da @inadequada_.

Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CDPrgGRnhvq/>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

A *Inadequada* é a soma de corpos e práticas resistentes produzidas em redes de afeto. Em redes de sementes crioulas, em redes de agroecologistas, em redes de mulheres, povos originários, migrantes, animais, microorganismos, pessoas lgbtqianp+ – todas elas interligadas por algum tipo de acontecimento, e cada vez mais mobilizadas pelas complexas questões ainda não solucionadas que se somam às crises climáticas. Essas redes e a *Inadequada* estão fazendo/propondo/pensando modos de vida, relações e novas subjetividades mais fluidas para enfrentar num sentido mais profundo a velocidade e as complexas alterações que todos os corpos têm sentido e vivido na terra/Terra. Tais alterações são produzidas pelo sistema que se mantém no poder e no controle dos corpos na terra/Terra, fazem parte as organizações farmacológicas, agropecuárias de monoculturas em larga escala, da

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mC_vrzqYfQc>. Acesso em: 23 abr. 2024.

¹⁹ Fala de participante na Roda Oral.

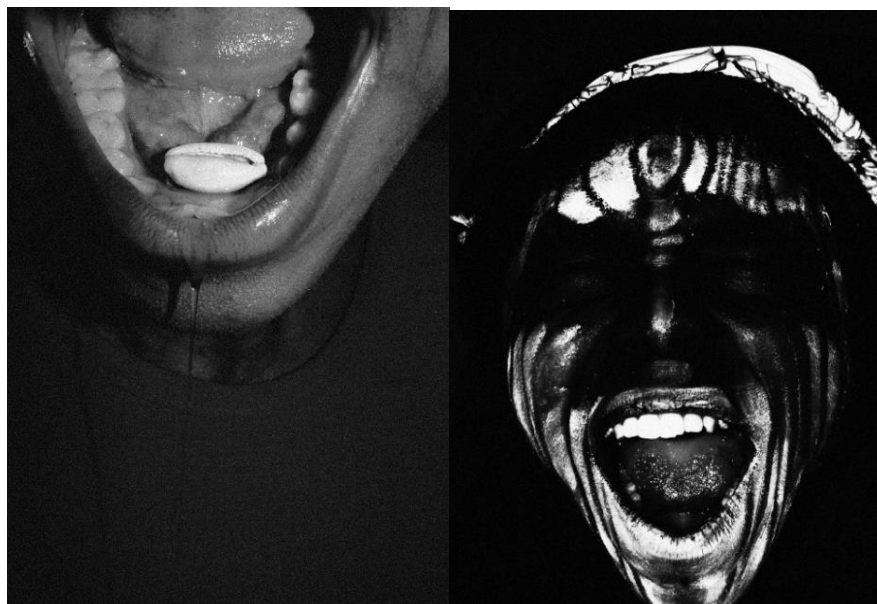
tecnologia e inteligência artificial que travam forças com a intrusão de Gaia. É o que a *Inadequada* tenta alcançar, constituindo-se em um espaço-tempo de ativação de devires com as mulheres que, inclusive, afetam e transformam a noção de inadequação constantemente, colocando em questão afirmações produzidas a favor ou contra os feminismos, como é o caso de: nem toda mulher é feminista, nem toda feminista é aliada; nem todo feminismo serve a todas as pessoas, tampouco a categoria mulher abraça o que vem a ser “mulher”; nem toda mulher tem útero, nem toda mulher menstrua; nem todo feminismo considera somente a mulher como sujeito. O que entendemos é que todos os feminismos são excludentes de alguma maneira. E o mais sensível dos incômodos é que o feminismo (ainda) não conseguiu acabar com as violências estruturais do racismo, capacitismo, sexismo, xenofobia, especismo. Para cada categoria inventada nascem justificativas de priorização aos enfrentamentos das violências, tornando-se mais específicas e complexas e, de certa forma, mais dicotômicas e excludentes. Concluo que o feminismo não é neutro, afinal não há neutralidade possível diante da realidade na qual vivemos. Por isso, o feminismo no plural que a *Inadequada* acredita e pratica é uma saída para a diversidade que os encontros entre heterogêneos podem suscitar para a ciências e também para a existência dos corpos no Antropoceno.

Uma força que sinto que emerge nas obras de Stengers e que me põe a pensar, não apenas com as mulheres e corpos, e sim, nesse caso, com os gestos, é o que autora ensina sobre a alegria. Considero a alegria uma potência da dimensão do feminino e que pode incomodar outros corpos. A alegria é a capacidade dos corpos de sentirem disposição em viver apesar das terríveis provações, fazendo o exercício diário de conexão com a terra/Terra e com o próprio corpo, assumindo que é preciso agir diariamente – mesmo que a anestesia e a apatia impostas pelo Antropoceno tentem distanciar (e tenham conseguido distanciar) os corpos dos corpos da terra/Terra. A *alegria lúcida* que toma posse do corpo e que movimenta outros corpos, aumentando a potência de agir, pensar e imaginar. O que, segundo Stengers (2015, p. 152), “tem algo a ver com um saber, mas um saber que não é de ordem teórica”, e sim com o próprio modo de existir em conjunção com outros corpos, onde os saberes ancestrais e femininos guiarão, com coragem, saberes científicos-culturais a favor de novos mundos mais vivíveis. Stengers pensa a alegria com Espinosa, que por sua vez entende-a como “um aumento da potência de agir, ou seja, também de pensar e de

imaginar [...] o próprio modo de existência daquele que se torna capaz de sentir alegria” (Stengers, 2015, p. 152).

Para exemplificar como a arte transfere significado às questões da dimensão do feminino, trago a artista plástica, escritora e psicóloga Castiel Vitorino, que nos ajuda a entender que o feminismo por vir está para além do gênero, raça, etnia, religião... Castiel apresenta trabalhos que transbordam limites atribuídos à condição humana, questionando as normas binárias de gênero e raça, infiltrando ontologias no terreno acadêmico-cientificista. Pensa e apresenta seus trabalhos de modo cíclico e ritualístico. Macumbeira praticante e investigadora da origem das espécies, ela aposta no prazer feminino, no gozo, na cura através do conceito bantu-brasileiro, focando na transexualidade, no orgasmo, na aceitação, e na continuação do amor.

Figura 3: montagem com as obras “Quando o Segredo é Revelado, o Mistério Não é Roubado” (2021) e “Corpoflor” (2022)



Fonte: Pinacoteca de São Paulo e acervo da artista Castiel Vitorino Brasileiro

O limite é o mundo (moderno), e interagimos com este Mundo (e com qualquer outro) porque ele interage conosco em intensidades que aproximam nossas existências uma das outras, numa relação de fazer desaparecer (finda-se) ou possibilitar transmutar, modificar. É que estamos

no Mundo porque o Mundo está em nós. Somos travestis porque ainda estamos aqui. E se, um dia eu transicionar, espero chegar a esse outro lugar que estou construindo enquanto me transmuto. Um lugar escuro, opaco para a branquitude.

Um lugar ou um mundo onde eu consiga ouvir, com menos ruído, o que a mata e o mar têm dito sobre a minha transmutação. (...) (Brasileiro, 2020) .

Castiel Vitorino assume-se travesti. Mas o que a interessa não é o que a levou a assumpção da decisão, mas como deixou de pensar com a “vista embaçada” moderna para conseguir tornar-se (ser) travesti. Nota-se que as forças do pensamento, da fabulação, da especulação, da criação, fervem e transcendem no corpo de Castiel. Ela mistura temporalidades e materialidades e resgata saberes ancestrais como um chamado espiritual aos seus trabalhos, dando sentidos às palavras, formulações e relações com seres humanos e não humanos que transbordam o pensamento normativo-patriarcal-capitalista. Sua obra transpira pelos poros do corpo a dimensão do feminino, pois conecta sons, palavras, seres e mundos com uma facilidade de quem sabe que é preciso habitar para existir. Habitar como novo sentido, significa estar no corpo, seja qual corpo for: humano, planta, animal, terra/Terra, etc.

Figura 4: montagem com obra “A Linguagem dos Seres Híbridos” (2023) e imagem do filme *Kalunga: A Origem das Espécies* (2023)



Fonte: Rodrigo Jesus e cortesia de Castiel Vitorino Brasileiro

Voltando a falar dos incômodos, podemos, com Castiel, escutar seu corpo dizendo de modo sensível e profundo como é um corpo em devir com outros corpos. E de que modos se constituem no Antropoceno, mostrando-nos que as narrativas de

corpos e os binarismos aplicados a eles são uma escolha política-cultural feita em relações obscuras atendidas pelo conservadorismo colonial-patriarcal. Assim, podemos voltar em um acontecimento no espaço-tempo e observar como a dimensão do feminino movimentou mais incômodos produzidos pelo Antropoceno. Mulheres negras, lideradas pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, nomearam o conceito de interseccionalidade para poder escapar dos binarismos criados dentro do movimento feminista que amplamente dividiu as mulheres. Após muitas décadas o conceito tomou força nos estudos feministas, na Conferência Mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e formas Conexas de Intolerância, em Durban, na África do Sul (Akotirene, 2019, p. 18). Para Crenshaw “a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo” (Akotirene, 2019, p. 19).

Carla Akotirene, intelectual, doutora em estudos interdisciplinares de Gênero, Mulheres e Feminismos, analisa e destaca de modo bastante sensível que o conceito então nomeado e significado por Crenshaw no âmbito das leis antidiscriminação, pelas lentes da teoria crítica de raça, serve-nos para (re)pensar modos e práticas na educação, na comunicação, na linguagem, na vida em tempos de complexidades e colapsos ambientais, climáticos e coloniais. Considera a interseccionalidade como teoria e metodologia, pois, segundo ela, trata-se de ativar novamente saberes ancestrais de África e das diásporas, manifestar os binarismos identitários e os contrapostos humanos e não humanos (Akotirene, 2019). O que gostaria de suscitar aqui é sobre o modo como a dimensão do feminino afeta o corpo e como o corpo age para expressar esse movimento. Do mesmo modo, por outra perspectiva, reforço que a noção de interseccionalidade é cunhada por intelectuais feministas negras, que, atentas às complexidades produzidas pelo Antropoceno, promovem novos contornos e sentidos para pensar o feminismo numa capacidade escalar, de prever aberturas para acrescentar novas conexões e potencializar dimensão do feminino nesses corpos. Abordo a interseccionalidade como uma potência epistemológica produzida pelo feminismo negro e que nos coloca imediatamente dentro do conceito formulado por Stengers (2012), e que veremos ao longo da dissertação em pequenos e fortes arranjos no texto.

Com o objetivo de mover coletivamente os corpos, considerar o que foi desconsiderado pelos campos científicos, e para dar ênfase na eficácia de forças da

dimensão do feminino (que produziram respostas satisfatórias e vivas em conexões profícuas com saberes ancestrais), penso nas passagens entre as micro e macropolíticas, como também entre teoria e prática, sujeito e objeto, humano e não humano, feminino e masculino, mulher e selvagem. É a partir daí que Stengers ensina-nos sobre mesopolítica, que instaura pelo encontro (acontecimento) uma força que ativa, fluxo contínuo que movimenta saberes que autorizam a multiplicidade de cruzamentos contra-hegemônicos, dando atenção às narrativas, aos discursos, aos jargões acadêmicos, à gramática e à busca por uma escrita e uma divulgação científica/cultural viva, alegre, radicalmente conectada a terra/Terra, em composição, em colaboração.

1.2 A Inadequação: sentir os corpos, a terra/Terra e o Antropoceno

Quando penso sobre a inadequação, penso principalmente nas mulheres e em toda injustiça e violências cometidas contra tantos corpos. Imediatamente penso também na inadequação da terra/Terra e em todos os corpos visíveis e invisíveis, dos vírus aos elefantes, das crianças aos fungos, das crianças aos gatos, e assim por diante. Estamos imbricados em redes de relações visíveis e invisíveis. Por isso, é importante que uma pergunta seja sempre feita: o que é um corpo no Antropoceno?

O que sentimos quando pensamos no Antropoceno é que o antropocentrismo é o algoz, perpetua as ambiguidades e amplia os discursos e práticas de ódio, produzindo mortes e violências – não apenas de mulheres, mas de corpos vivos de diferentes escalas e origens. Por isso, quando Stengers alerta-nos sobre a maneira como fomos formados, é para evitarmos "o suspiro impotente que concluiria que não podemos fazer nada [...]" (Stengers, 2015, p.21). A autora dá-nos a chance de pensarmos sobre o sentido das palavras, principalmente as palavras *responsável* e *protagonista*.

A pergunta-problema que caminha por toda a dissertação indica-nos, mais uma vez, que para ativar a dimensão do feminino nos corpos é necessário que façamos elos e vínculos primeiro com o nosso próprio corpo, e depois com qualquer corpo que se encontre. Se já sabemos que os tempos mudaram e que os responsáveis e protagonistas são, há muito tempo, previsíveis no modo de existir, relacionar, cuidar e promover ações, portanto emerge a importância da invenção do sentido da noção-ideia de inadequação. Pensando com Preciado, podemos dizer que a inadequação é

um modo feminino-masculino de “desidentificação” (Preciado, 2018, p. 10). Fugir e/ou escapar das normas brancas, coloniais-patriarcais, é um movimento que ainda é visto como marginal e inadequado. Mas é um caminho sem volta, de quem entendeu que não há como seguir mais assim, não há tempo de retorno para humanos e não humanos. Por isso os feminismos devem abraçar excluídos e excluídas, para vivermos e contarmos novas narrativas. Já sabemos que tanto saber não nos leva a transformações radicais quanto fazer também não nos move para melhores mudanças. Estamos todos engendrados no Antropoceno. Como vamos fazer funcionar, de que modos vamos cuidar e reaprender a lidar com a imensa destruição em curso, com as extinções e sumiços de muitos viventes, com os colapsos de mundos que são (serão) irreversíveis? É o que devemos e temos que dar atenção. Penso a inadequação como uma resistência em termos de vida, para que novos arranjos multiespécies e parentescos inadequados se criem. Mover a estrutura de abusos e padrões aprisionantes, coloniais, patriarcais, sexistas e racistas é colocar-se em risco, tendo a deriva como objetivo, é resistir às interferências abrindo vãos, rachaduras e fendas. É necessária a inadequação, que mobiliza sentidos fluidos, pois depende da situação-problema – pode ser bom ou mau sentir-agir-pensar de modo inadequado. Um movimento ecopolítico-estético para além das identidades do corpo, em que se faz necessário viver com a “coragem de ser você mesmo” (Preciado, 2018, p.15). Preciado (2018, p. 19) continua dizendo: “falar de sexo, gênero e de sexualidade, é necessário começar por um ato de ruptura epistemológica [...]”.

Acima de tudo, a inadequação é sobre ousar! É berrar sem fazer ruídos, é escutar muito além do que os ouvidos podem alcançar. Confiar que não caber nas normas é permitir-se tudo o que se quer, entrar em devires, mobilizar toda a rede de afetos íntimos que há em si, criar versões na sua própria versão, dar sentidos ao corpo e corpo aos sentidos, formular as múltiplas possibilidades de dizer, de proliferar a voz no corpo. Que pode ativar qualquer parte do corpo, mas que pode começar e ou terminar pela boca, “já que é um órgão muito especial. Ela simboliza a fala, a enunciação” (Kilomba, 2019, p. 33) e com ela o corpo dito humano posiciona-se e organiza seus sentidos no e para o mundo.

O desafio é espalhar novas alianças de movimentos críticos e criativos, para que floresçam corpos e subjetividades resistentes na terra/Terra em termos de viventes de todos os tipos, formas, tamanhos. Um dos movimentos é o que a própria escrita de Donna Haraway (2023, p. 183) promove e perpassa, por escrever *slogans*

e criar formulações que funcionam como um jogo de barbante. Como fios que se misturam fazendo nós e emaranhados de possibilidades de pensamento, tecendo frases provocativas como: “fazer parentes e não bebês”, “corra ligeiro, morda com força”, “cale a boca e treine”. Elas são um modo de dar atenção ao que importa no presente espaço-tempo, propondo, de modo afirmativo, formulações capazes de acessar sentidos adormecidos e intocáveis na mente-corpo humana. As formulações afirmativas de Haraway despertam movimentos pelo corpo e mobilizam pessoas a criarem novas relações de parentescos na terra/Terra. Isso nos amplia mais uma vez a importância de dar atenção às escritas que surgem nesse emanharado complexo de materialidades e saberes.

Voltando a Paul Preciado, no livro *Transfeminismo* (2018) o pensador também traz *slogans* para pensar-agir de modo ampliado, e exclama em letras maiúsculas, alargando ainda mais a questão de gênero e instaurando novas possibilidades de pensamentos que se juntam ao que venho tentando alargar na dissertação: “Política-de-gênero é Política da Terra!” (Preciado, 2018, p. 13). O que Paul convoca-nos pelo corpo é a capacidade de fazermos a revolução do sistema, afinal estamos todos, conscientes ou não, fazendo parte desse – seja porque cansamos, adoecemos, desesperançamos com os modelos binários e extremamente controladores e devastadores.

Nessa parte, mobilizamos a noção de inadequação como uma proposta aos corpos. Pensem! Pensem! Sintam! Sintam! Não se deixem levar por fixações e binarismos, que limitem o modo de pensar-agir-sentir (Stengers, 2015) com o corpo. Sentir-pensar não somente sobre as consequências, causas e efeitos que os protagonistas e responsáveis da política, do estado, da ciência, das instituições capitalistas deixam, através das suas práticas e discursos, mas que pensem no sentido de compor com Gaia, para cultivar novos graus de liberdade e de criação, ou que pensem como a experiência dessa composição é em si um processo de aprendizagem do próprio fazer coletivo (Stengers, 2012, p. 10).

Lembro que para compor com Gaia é imprescindível que saibamos ativar sentidos em alteridade para entendermos as pluralidades dos corpos e de quais territórios advêm. Como é o caso de uma participante-convidada, Marília Fecho, publicitária, escritora, pesquisadora em Moda e Consumo, para um dos Ciclos de Conversas da *Inadequada*, a respeito do tema “autocuidado”, que se posicionou dizendo que não gostava de se nomear inadequada. Afirmou que, durante a vida até

aquele momento, o seu corpo foi considerado inadequado em lugares e situações por ser negra, mas não retinta. Segundo Marília, isso lhe causou muitos traumas, relações violentas e muita baixa autoestima. “Ser mulher negra no Brasil é sair de casa sem saber se vai voltar”, diz ela. Esse relato sensível mostra-nos a inadequação como uma ferida sem cura que remonta à época mais triste da história de humanidade, a escravização de milhares de corpos em África. Um período que até hoje não cicatrizou, em que a branquitude se coloca como uma raça superior à negritude. Marília afeta-nos e ao mesmo tempo tira-nos zona de conforto, intimando-nos a nos posicionar.

De outro modo, para ampliar os sentidos da noção-conceito inadequação, ouvimos algumas convidadas no programa de entrevistas nomeado “Inadequada, eu?”, realizado no *Youtube* e depois no *Instagram* da Rede, que trouxeram para o debate o conceito-noção de inadequação relacionando ao patriarcado machista. As participantes sacodem tudo, quando dizem

Sou inadequada há 37 anos. Tenho certeza.

*Pra falar de hoje, preciso voltar na história. Há 37 anos minha mãe foi solteira e empregada doméstica numa casa na Zona Sul no Rio de Janeiro. E por todos os processos que passamos juntas, **eu me tornei uma pessoa Inadequada para a sociedade.***

*Porque eu era “filha da empregada doméstica, solteira, filha da mulher negra. Aos 13 anos de idade eu passei por um processo de alisamento, **e quis ser “adequada”.** Um silenciamento. Mas depois aos 17 anos eu tirei toda a química do cabelo, deixei meu cabelo ser eu. **E passei a ser Inadequada novamente.** Aos 18 anos eu comecei a pensar muito sobre isso. Diariamente eu tenho que lutar, eu sou afrodescendente. **E acho ótimo ser Inadequada porque não quero me adequar, pra quê?***

Fazer mestrado é quebrar uma barreira, chegar no ano de 2020, um ano de um desgoverno. Não é só pra mim a celebração, são pra muitas de nós, mulheres negras. Eu já pensei, esse espaço não é meu, a universidade não é pra mim, mas eu estou ocupando esse espaço e quero devolver isso pra sociedade.

Como uma mulher negra, educadora, carioca, numa faculdade privada? Eu sou Inadequada.²⁰ (grifos meus, Cristina, 2021)

²⁰ Fala de Erica Cristina, disponível em <<https://www.instagram.com/tv/COJqkEtH9Mc/?igsh=MWZ0ZG92cjYwdzZneQ==>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

...

Ser Inadequada é estar dentro da regra. A Inadequação já começa nessa de quem é você, o que você faz, qual o seu rótulo?

*Eu na verdade faço muitas coisas e me apresento como comunicadora, colunista da Revista Marie Claire. É minha vocação, meu talento. Foi algo que foi me cativando e fui vendo que eu poderia estar em vários tipos de comunicação. Tudo que envolve criatividade e comunicação eu estou dentro. Pra mim é muito difícil separar a política da comunicação, tudo tem uma ideologia por trás. Eu desconfio da neutralidade. Me recuso a escolher uma coisa só, ou fazer só isso. **A minha inadequação está em querer tudo que eu quiser.** O conceito mulher parece uma coisa única e parece estar ligado com a biologia, mas o fato de eu ter sentido na pele quando era criança essa inadequação. Ter uma vulva não significa que eu me relacione com o conceito de mulher que me foi dado. E isso também não quer dizer que eu não aceito meu gênero, minha biologia. A questão é com o conceito mulher, e esse conceito em geral é muito abstrato, ninguém consegue seguir, definir. Eles se predispõem a colocar algo universal, para que todas as pessoas sigam e sejam validadas e pertençam àquela classe, mas ao mesmo tempo quase ninguém sabe responder, **está muito mais sobre regras, leis, do que como você se sente, qual é a sua personalidade, seus talentos, interesses.** E por isso, no fundo acho que todo mundo se sente inadequada.²¹ (grifos meus, Thomaz, 2019).*

...

*Mulher indígena, nasci em Rondônia, Porto Velho, mas fui criada em Santos. Sou militante em direitos humanos, e estou fazendo doutorado em saúde pública na USP. Escrevo a coluna Oca-Periférica que traz histórias dos povos indígenas, mulheres indígenas que cantam. Eu sou filha única, adotada. E eu sempre tive um questionamento da minha origem, eu sempre soube que minha mãe era indígena e meu pai um homem negro. **Me reconhecer como uma mulher indígena foi mais tarde, na faculdade.** Estou num processo de descobrimento, de retomada. Não sei qual é o meu povo. E por isso eu entrei em projetos como o programa Hora do Sabbat - revista digital de expressão e visibilidade de mulheres. O feminismo é um pouco diferente para as mulheres indígenas. Qual o papel da mulher indígena? **Eu já me senti Inadequada, por não caber, não me encaixar.** Me senti mulher quando percebi a forma como o machismo foi atravessando a minha vida. Eu cresci ouvindo “se você fosse menino poderia ficar até mais tarde na rua, você poderia trazer sua namorada aqui”. A minha referência de mulher é a minha*

²¹ Fala de Babi Thomaz, disponível em: <<https://youtu.be/W9byteKmFPw?si=IVyEcky2dmkhMZGS>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

mãe, que é independente, estudou. O indígena é inadequado, ele não cabe na sociedade, na cidade, no urbano, ele só cabe se está na aldeia, nu. E nunca vai se adequar. Eu sou uma indígena na academia, que gosta de rap, trabalhei num abrigo para mulheres que sofreram violência e depois com moradores de rua homens. Vou pro baile, e gosto da vida na rua. Não tem como me encaixar. Eu, mulher indígena, fui criada no meio urbano, isso também me faz outra mulher indígena diferente das minhas parentes que vivem nas suas aldeias. Senso de coletividade e o cuidado com a terra. A mulher é que vai plantar, colher, preparar a comida, isso tem um papel muito importante. O dito “lugar de mulher não é na cozinha” para as mulheres indígenas não cabe. Isso não faz da mulher indígena mais ou menos mulher. Como eu também não acho que todas as pessoas têm que ser veganas. Para os povos originários caçar e pescar é motivo de subsistência.²² (grifos meus, Feitosa, 2021)

...

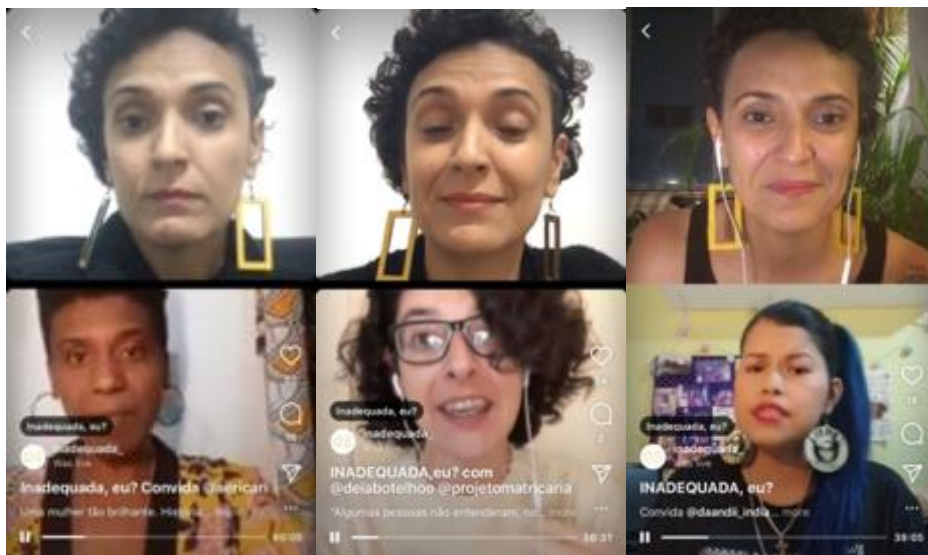
Eu sou muitas e completamente Inadequada.

Eu sempre fui Inadequada. *Eu tentei a vida acadêmica. E o começo da história, pra resumir é: saio da escola, faço faculdade, arrumo um emprego, vivo uma relação para quando chegasse os 30 anos tivesse sucesso, como se deve estar e ser aceita na sociedade. Mas entrei em vários conflitos e me trouxe muitas angústias. Eu trabalhei com recrutamento e seleção durante muitos anos. Demitia pessoas, não gostava, me questionava. Fui adoecendo por causa do trabalho. Não via o trabalho como algo “normal”, “trivial”. Viver nesses moldes não me fazia bem. Então, eu larguei tudo. Sempre fui muito criativa, não convencional. Andando experimentando eu fui me encontrando com a permacultura. E me descobri íntegra com quem eu sou. Trabalho com coletivo de consumo crítico, produzo meu projeto autoral chamado Matricaria, e estou coordenadora de projetos do Instituto Cidadão em São Carlos-SP. A terra cura. Mas não foi sempre assim, minha experiência era plantar um feijão no algodão.²³ (grifos meus, Botelho, 2021)*

Figura 5: montagem com capturas de tela de conversas do “Inadequada, eu?”, com Erica Cristina, Andréia Botelho e Dandara Feitosa, no *Instagram*

²² Fala de Dandara Feitosa, disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CKfSKN4pmm6/>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

²³ Fala de Andréia Botelho, disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/COTsjJLnxDN/?igsh=Y2ZweXhoeGEycWp2>>. Acesso em: 24 abr. 2024.



Fonte: Instagram da Rede *Inadequada* (@inadequada_)²⁴

Após tanta escuta, meu corpo não era mais o mesmo. A influência(s) do(s) feminismo(s) e das vozes foram capaz de metamorfosear o corpo. Um corpo “outro”. Um corpo coletivo. Um corpo inadequado à própria inadequação como uma ideia capaz de reunir e organizar todas e todes. Um corpo ciborgue formado por fusões entre humano-animal, organismo-máquina, como desafiou Haraway ao escrever o Manifesto Ciborgue na década de 80 e que continua reverberando e reatualizando tantos sentidos: “Ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida” diz ela (Haraway, 2013, p. 36).

Um corpo-simpoiese?²⁵ Um corpo-cis feminista, vegano, pardo, desprovido de uma trompa de falópio, um corpo viciado em *Buscofem*, um corpo com tantos corpos. Um corpo no mundo. Um corpo que luta pela linguagem e que assume a responsabilidade da sua divergência. Um corpo que não aceita adequações. Quantas inadequações os corpos precisam sentir para se assumirem plurais? É grande a

²⁴ Conversa com Erica Cristina, disponível em:

<<https://www.instagram.com/tv/COJqkEtH9Mc/?igsh=MWZ0ZG92cjYwdzZneQ==>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

Conversa com Andréia Botelho, disponível em:

<<https://www.instagram.com/tv/COTsjJLnxDN/?igsh=Y2ZweXhoeGEycWp2>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

Conversa com Dandara Feitosa, disponível em <<https://www.instagram.com/tv/CKfSKN4pmm6/>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

²⁵ Simpoiese é uma palavra simples, que significa “fazer-com”. “[...] é uma palavra apropriada para designar sistemas complexos, dinâmicos, responsivos, situados e históricos.” (Haraway, 2023, p. 111)

multiplicidade de sentidos que a palavra inadequada alcança quando a ela é dada uma centralidade ao pensar o tempo que estamos vivendo.

Assumir-se (me) um corpo feminista no tempo de atravessamentos políticos-conservadores fortaleceria os afetos, vínculos e alianças, ou distanciaria ainda mais pessoas das conversas e encontros? O que poderia ser transformado a partir da perspectiva que as referências feministas me ensinaram a olhar no mundo daqui em diante?

Faço perguntas porque ainda não encontrei as respostas. Assim, compreendo que, para além da noção de inadequação e das enunciações durante as entrevistas do programa *Inadequada, eu?*, pensar com o saber-fazer dos corpos dessas mulheres – e de, certo modo, de todos os corpos que reivindicam, resistem a desobedecer e a não adoecer no Antropoceno, através de práticas sensíveis e de atenção – pode indicar um caminho. A *Inadequada* é um espaço que entende que o processo de existência ensina a não perder o domínio da própria vida, a dar importância e marcar presença. Obviamente, trata-se de uma tarefa difícil, afinal, não há saúde possível se um corpo em existência está adoecido. O contágio é rápido, seja físico, psíquico ou espiritual. Os corpos na terra/Terra estão adoecidos. Nota-se que cada história acima carrega nas palavras, em suas linguagens singulares, a capacidade de ativar funções de remédio e cura para o corpo, mas também de veneno e de doença. Viver de modo inadequado no Antropoceno é um exercício de saber morrer com dignidade.

Em outras palavras, a inadequação e os feminismos dizem respeito ao que Stengers nomeia de a "arte do fármakon" (Stengers, 2015, p. 94). Ela nos afirma que não há nenhum tipo de prática, encontro ou experimentação que não passe pelo corpo. Tudo pode tornar-se veneno ou remédio, doença ou cura. A "arte do fármakon" é um conceito certamente urgente quando é usado por quem desobedece a padrões impostos aos seus corpos, ou ainda para combater as hierarquias construídas em qualquer categoria: gênero, território, geração, raça, e assim por diante. Consentir ou recusar tornam-se desafios impostos que colocam os corpos para a ação, despertando mais um aspecto da mesopolítica, o risco que corremos quando falta confiança na potência da dimensão do feminino, na capacidade relacional. Dessa forma, é como "aprender a pensar com seu corpo" (Stengers, tradução minha, 2012, p. 8). Experimentando o corpo em relação a outro corpo, e entendendo que todos os corpos possuem habilidades em algum nível; por isso, devem ser respeitados independentemente das origens de que tal corpo venha. Perceber o modo de

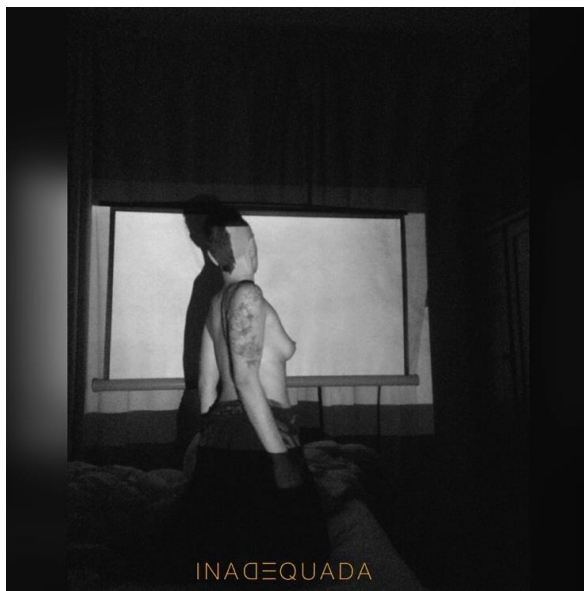
individação do corpo-pensamento quando a ideia faz o corpo é reaprender a ativar o estado de inadequação, uma força-vivência, que brota do nível da “experiência pura” (Lapoujade, 2017, p. 28). É mais do sobre somente mulheres: é sobre corpos que causam “(con)fusão” entre a micro e macropolítica, que sacodem os sentidos estabilizados pelo sistema patriarcal; é sobre corpos que são sistemicamente aniquilados pelos mesmos dispositivos de poder que operam no Antropoceno: gênero, raça, classe social, etc.

...

Calor. Extremidades congeladas. Choro. Rubor. Batimentos acelerados. Respiração curta, ar entrando e saindo na mesma velocidade. Ansiedade. Tristeza. Pensamentos vinham como enxurrada. Silêncio. Caminhos se abriram com fúria e delicadeza. Minha voz gritava. Eu não era capaz de conter o corpo. Os cabelos raspados tornaram-se crina. Crina para proteção dos olhos. Não eram através dos olhos a entrada pelo corpo. Os seios não aceitavam mais sustentação. Desvio. Novas posições. As palavras escorriam pelos poros do corpo, e ganhavam novas expressões, sentidos, conexões. Inadequação.

Aos poucos, a *Inadequada* foi se transformando em uma rede de educação feminista (de alguns feminismos e vertentes) e diversidade. Pessoas se aproximavam, queriam falar, debater ideias, tirar dúvidas, questionar. Aprendemos juntas em comum-idade, transpomos preconceitos e criamos espaço para intervenções, escuta e muita conversa. Exercitamos “ficar com o problema de viver e morrer” com responsabilidade (Haraway, 2023, p.14). Os corpos decidiram escutar os corpos pelas experimentações e encontros, de ciclo em ciclo de conversas, de entrevistas à bate-papos. Desacelerando as narrativas já dadas sobre os corpos, celebramos o tempo presente.

Figura 6



Fonte: *Instagram* do *Inadequada*. Disponível em:
 <https://www.instagram.com/inadequada_/>. Acesso em: 09 janeiro. 2023

A *Inadequada* é um convite ao fazer coletivo, e não uma salvação. Um espaço-tempo de experimentações. Quem contribuiu com ela sabe que os corpos que chegam são bem-vindes, que não existe uma verdade única e nem uma teoria específica a qual seguir.

Na mesma medida em que os feminismos mexeram nos contornos do corpo da pesquisadora (e da pesquisa) e de outros corpos, faz-se necessário o entendimento desse tempo, dessa era, dessa lógica que está em jogo.

Ailton Krenak (2022), em seus ensinamentos transformados em livros, dá-nos possibilidades de adiarmos o fim do mundo. O autor se refere ao mundo em colapso que estamos vivendo, e nos ensina a (tentar) viver radicalmente, escapando do que chama de euforia da monocultura. Nessa monocultura habitam os “birutas que celebram a necropolítica” (Krenak, 2022, p. 22) sobre a vida plural dos povos desse planeta. A mentalidade do sofrimento e da dor advindas das guerras, das pandemias, do dia a dia de uma vida consumista (capitalista) e das telas de celular, não nos ensina nada, e nos afasta da pluralidade que há no mundo, segundo o autor.

A partir daí, Donna Haraway, filósofa, feminista especulativa, zoóloga, aponta-me possibilidades de pensamentos, entrelaçando natureza-cultura, e fazendo brotar novas linguagens para comunicar de modo mais aberto, fluido, e um tanto quanto hermético (porque não há como simplificar a complexidade sem responsabilidade). Haraway faz escrever junto ciências-ficções, com o objetivo de propor narrativas

menos xenobiológicas, encontrando novos terrenos para fazer novos significados, em termos multiespécies e interespécies. Haraway (2016, 2023) tem visibilizado e criado/gerado (novas) divergentes narrativas que subvertem a ideia do humano como o único ser criador capaz de interferir no planeta, o que também sustenta parte da narrativa do Antropoceno. Nem mesmo o discurso alarmista do “*game over*” tampouco as soluções tecnocráticas servem de caminhos para imaginar outros modos de existência. Ela aposta na noção Chthuluceno para dizer sobre o nosso tempo, dando contornos e sentidos que desmontam mais uma dicotomia moderna: fato-ficção.

Chthuluceno é uma palavra simples. Ela é composta de duas raízes, grega (*khthôn* e *kainos*) que juntas, nomeiam um tipo de lugar-tempo para aprender a ficar com o problema de viver e morrer com responsabilidade em uma terra degradada. *Kainos*, significa “agora”; um tempo de começos, um tempo em prol da continuidade e do frescor. [...] Os ctônicos são seres da terra, antigos e totalmente atuais ao mesmo tempo. Eu os imagino cheios de tentáculos, antenas, dedos, cordões, caudas de lagarto... (Haraway, 2016, p.14)

1.3 A potência do feminino: corpos divergentes fazem encontros heterogêneos diante de Gaia

O processo de destruição dos corpos continua sem cessar. Com isso, na busca em dar atenção ao corpo escapando dos binarismos e narrativas alarmantes, bell hooks (2017) traz uma perspectiva transgressora sobre o corpo-mente, e diz de uma “aguda consciência da presença do corpo” (hooks, 2017, p. 181) em espaços-ambientes que se configuram como locais de aprendizagem-conhecimento.

Em um mundo em constantes colapsos, os sistemas estruturais querem corpos tristes que obedeçam às ações impositivas de adequar, encaixar, padronizar, estereotipar, produzir, competir, reproduzir. Esses sistemas demandam aprofundar a cisão entre corpo-mente.

Movida em dar atenção ao que o corpo emana em contato com alguns caminhos que propõem superar as divisões modernas e doentias produzidas pelo capitalismo, pela ciência e pela política, busco pensar e propor perspectivas não-binárias de divulgação de ciência-cultura, entrelaçando naturezas-culturas no sentido de reivindicar sentidos e práticas. Saberes ancestrais, saberes das mulheres, das plantas, saberes dos seres vivos, saberes da terra/Terra.

Pouco aprendemos sobre como contar as velhas e as novas histórias e dar novos contornos e sentidos. Repetimos à exaustão narrativas tristes, racistas,

sexistas, misóginas, ecocidas, em que o humano como supremacia e os interesses do capitalismo ocupam o âmago. As quais são poucos capazes de impactar a criação de respostas e novas perguntas à intrusão de Gaia.

A dimensão (potência) do feminino pode apontar-nos modos de viver que nos faça permanecer no corpo. Corpo como meio, como mundo, como terra/Terra. Corpo como planta, como passagem, e também território, e não como mera simplificação de marcação de gênero, raça, classe. Nota-se que a dimensão (potência) do feminino não se desinteressa pela marcação ou categorização, não julga tais categorias, e antes procura se deparar com o que não está pronto ou acabado – buscando intimidade e aprofundamento com os polos, com os seres, com os mais que humanos. Donna Haraway (1995) ensina-nos que

[...] precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro. (Haraway, 1995, p. 16)

As oposições e as diferenças produzem construções sociais alicerçadas nos ideais do patriarcado, empobrecendo a vida, e marcando novos campos problemáticos que os feminismos não têm conseguido abarcar. Declarar-se inadequada na era do Antropoceno é abrir-se ao poder poético/ erótico do corpo, a uma atenção como uma “disposição para agir” (Lapoujade, 2017, p. 85).

Proponho nesta parte da dissertação um exercício de intervenção do corpo-escuta com a seguinte pergunta: “será que as pessoas me aceitam porque eu me adequei ao que elas imaginam e gostariam que eu fosse, ou eu sempre fui assim?” (Oliveira, 2020).²⁶

Formule respostas, e, após esse movimento, acesse o link²⁷ de um trecho da entrevista com Jenny Oliveira, mulher trans, para a série de entrevistas “Deslocamentos do feminismo”, disponível no canal do *Youtube da Inadequada*.

Jenny faz uma intrusão, deixando explícita a vida de um corpo trans, em toda a conversa que construímos durante quarenta e sete minutos, como parte da série de entrevistas nomeada “Deslocamentos do feminismo”.

²⁶ Proferida por Jenny Oliveira, em entrevista à *Inadequada*.

²⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qf1RJm9ha-4>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

O exercício de escuta é também um gesto da dimensão do feminino. O que a escuta propõe-nos é um deslocamento para mundos heterogêneos, que fazem mundos, conectam noções e expandem o corpo.

A intrusão de Gaia (Stengers, 2015), noção que atravessa a metodologia deste trabalho, envolve o gesto de nomear diante das ocorrências climáticas e ambientais de grandes magnitudes que vivemos. Stengers propõe uma nomeação outra, diferente de Antropoceno, que trata de lidar e questionar a oposição brutal entre os saberes científicos e os saberes ancestrais (não-científicos). Segundo ela, Gaia perturba as temporalidades humanas, porque produz o efeito de presente, passado e futuro sobrepostos. Pensar em sua intrusão diante do novo regime climático impõe a importância de darmos atenção a como vamos criar modos de ser e viver daqui em diante. Gaia ocupa espaços-tempos, é capaz de incomodar, sem pedir licença ou adequação às espécies da Terra. Trata-se de tempo marcado por uma forte desconexão de alguns corpos humanos com a terra/Terra, que nos convoca a responder questões complexas, a experimentar sentir-imaginar-agir reinventando novos modos de produção e cooperação para tentar desacelerar o discurso hétero-capitalista que nos diz todos os dias que precisamos nos desenvolver para progredir, na máxima do “Trabalhe enquanto eles dormem”. O chamado de Gaia é para revitalizar e encontrar novos-velhos sentidos para as palavras, imagens e sons. Para não aceitarmos em silêncio “verdades inconvenientes” e “alternativas infernais” (Stengers, 2015) que poderão ser colocadas como inevitáveis para que o futuro não seja bárbaro.

Quando apresentou a noção de “intrusão de Gaia” em 2009, Stengers voltou o olhar para a questão das mudanças climáticas em sua íntima e nefasta relação com o capitalismo. Problematizou a questão da transformação da vida em *commodities* e pontuou que o desenvolvimento movido pelo crescimento econômico não poderia (e não pode) responder a todos os problemas que enfrentamos, tampouco os que ainda estão por vir. Gaia surge para Stengers como “uma intrusa, uma figura da terra que desaloja o *anthropos*, a espécie humana, de sua posição de comando” (Tola, 2016, p. 1).

Stengers buscou a noção de Gaia nos trabalhos de James Lovelock (2006), um fisiologista e engenheiro que trabalhou na NASA e que foi considerado excêntrico por perpetuar ideias consideradas anti-científicas, e de Lynn Margulis, cientista e bióloga que apresentou a teoria da endossimbiose, comprovando que a evolução não

é um movimento linear. Esses autores caracterizam a Terra como um sistema com capacidades de autorregulação. A hipótese de Gaia é controversa; teve e tem repercussões consideradas problemáticas que podem reacender discursos ambientalistas que ignoram as desigualdades sociais e narrativas desistoricizadas e despolitizadas (Tola, 2016, p. 3). Não é sem riscos, portanto, que Stengers escolhe pensar com a noção de Gaia.

Stengers também se interessa pelo deslocamento que a Gaia científica faz de uma imagem de Gaia como uma mãe carinhosa e cuidadosa. Nota-se o binarismo nesse deslocamento, ou, ainda, um tipo de paternalismo machista ao se comparar Gaia a uma mulher. Ao tecer esse arriscado caminho, Stengers “desafia as feministas a revigorar a análise da ciência através de afetos positivos”, avalia Miriam Tola (2016, p. 8). Segundo Tola (2016), a reelaboração de Gaia por Stengers apresenta profundos desafios aos discursos predominantes do Antropoceno, porque os adeptos desse conceito colocam em primeiro plano a agência geológica da espécie humana, o seu poder de impactar e redirecionar processos planetários. Já Stengers interessa-se em “reconfigurar a política para explicar as maneiras pelas quais os existentes (vivos) produzem sentimentos, pensamentos e ações” (Tola, 2016, p. 5).

Tomemos como exemplo, o período das eleições de 2022 no Brasil. No âmbito da *Inadequada* percebemos que poderíamos fazer alguma ação, uma intervenção. No nível mesopolítico, essa ação teria a ver com o que já está dado, com as conexões que já temos, afinal, nada começa por uma tábula rasa. E assim aconteceu a intervenção: “Fica, vai ter *Inadequada* nas eleições 2022”. O combinado com as convidadas era para que falassem, ao seu modo, os motivos pelos quais votariam no candidato da esquerda, o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Buscávamos com a intervenção reclamar das posturas conservadoras da extrema direita no país, como quem se queixa e também reivindica ao mesmo tempo. Não tínhamos tempo a perder. Cada uma ao seu modo reativou no discurso a força das palavras. Somos capazes de consentir e permitir que as palavras dessas mulheres tenham potência de nos afetar? A pergunta é uma provocação para pensarmos na reconfiguração da política conforme Stengers nos propõe. E se ouvíssemos mais pessoas para interagirmos com suas ideias, motivações, intenções, expectativas, pessoas comuns que assumem o compromisso de imaginar como responder aos que não estão aqui, pensando nas próximas gerações e também as que já se foram?

Não ouviram os meus gritos, o som dos sentimentos já havia se esvaído, antes mesmo de ser ecoado, adoeceu meu coração e reconheceu no outro o que em mim transbordava. A corrupção me entrava pelos olhos e me rasgava em partes milimetricamente iguais de desespero e de angústia. Encontrei em mim, habitação, lar e cheiro de alfazema, derrubei os velhos muros e fiz dos escombros, arte, poesia e política. Percebi que a gente pisa sobre a mesma terra mas não temos os mesmos direitos, e depois disso vivo de pequenas revoluções. Mudei a mim e sigo em constante arrumação de alma e expressão, carrego sim cicatrizes, mas sorrisos como marca de amor e direção.²⁸ (Menezes, 2022)

Figura 7: captura de tela do perfil @inadequada_ no Instagram com a série de conversas “Fica, vai ter Inadequada nas eleições 2022”



Fonte: perfil de Instagram da @inadequada_

A noção de intrusão de Gaia entrelaça de muitas formas as buscas de mulheres (cis e trans) e de outras pessoas que desafiam a divisão ocidental, heteropatriarcal e branca, separando binariamente mulheres e homens, dando apenas a alguns – aos homens – superioridade, agência e relevância política. Em 2022, tínhamos por todos os corpos; era mais um período político que estava nas mãos de

²⁸ Fala de Vanes Menezes na live “Fica, vai ter *Inadequada* nas eleições 2022”. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CkMlev9ABi-/>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

quem vota. E se há 92 anos as mulheres conquistaram o direito ao voto no Brasil, em 2022 essas conquistas apareciam como pela primeira vez, e reatualizaram-se como nunca naquela eleição. Votar, e mostrar os motivos do voto, foi o modo de reconfigurar a política ao modo stengeriano.

Gaia não apenas tem agência e relevância política. Sua intrusão coloca em xeque as ideias que fazem com que nosso tempo presente permaneça suspenso entre duas histórias: a primeira, pautada na competição mundial, e que defende o crescimento e desenvolvimento econômicos como horizontes inescapáveis para a preservação ecológica e a saída da crise econômica; e a segunda, “nítida” quanto ao que está acontecendo, mas incompreensível no que exige (Tola, 2016), prevê uma divisão entre a constituição de mundos habitáveis e os cenários bárbaros que derivam da tentativa do capitalismo em transformar os eventos climáticos e ambientais em oportunidade de lucro. As Inadequadas preferem pensar e fazer mundos habitáveis.

Foram inúmeras respostas. Com motivos semelhantes, motivos diferentes, mas todas sentiram que ao falar ali, ao seu modo, talvez pudessem alcançar corpos que ainda não haviam pensado, levados por uma comunicação política conservadora e carregada de preconceitos e interesses da “fábula épica do progresso” (Stengers, 2015, p. 54). Era perceptível a potência da voz naquelas mulheres, e todo o esforço que dedicaram a escrever seus textos, a pensar seus discursos, a tocar nas palavras com o coração e assim proliferar par o mundo.

Estamos na reta final para nosso país nessas eleições. Eu sinto que a palavra de ordem é justamente a palavra. O corpo a corpo hoje, está no corpo da palavra. Todo dia eu acordo e me deparo com um disse me disse, um disse que queria dizer, um disse distorcido. Acordo e me recolho pra dormir todos os dias com esse esvaziamento e preenchimento das palavras. É por isso que se hoje eu me atrevo a convencer você que está indecisa, eu escolho ir pela via da palavra. Te escolho numa tentativa de abraçar pela palavra. Primeiro me solidarizo com a sua hesitação, que eu me coloco em seu lugar e tento compreender o desânimo que faz tombar sua cabeça e ombro. Eu me solidarizo com a sua ansiedade, seu cansaço e desesperança, mas como uma mulher que fala para outra mulher, eu tenho a obrigação de te ajudar a sacudir essa poeira. De fazer levantar os últimos grãos de sonho que ainda repousam no seu colo. [...] Eu quero mulher falar com a sua criança. Já imaginou se todos pudessem votar?²⁹ (Palhardi, 2022)

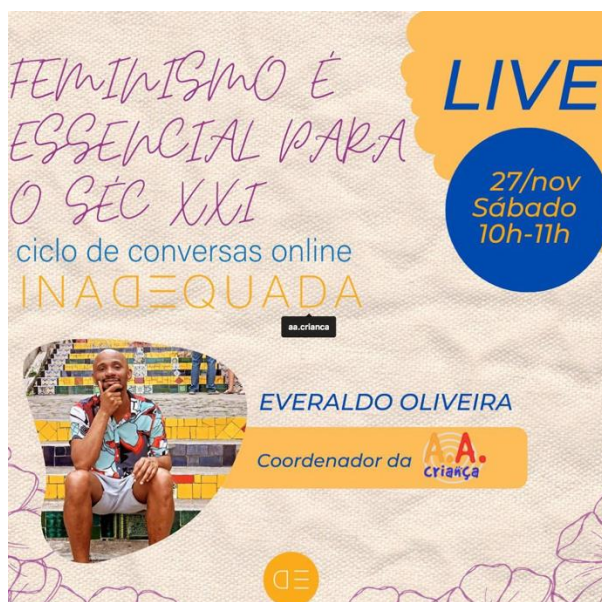
Quando Stengers (2015) alerta-nos sobre a recusa ao esquecimento da capacidade de pensar e agir conjuntamente, coloca-nos diante da incapacidade do Estado de exercer as funções que se deve exercer. Não adentrarei na micro a na

²⁹ Fala de Júlia Palhardi na live “Fica, vai ter Inadequada nas eleições 2022”. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CkN4O4QKr9G/>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

macropolítica e nos deveres de pessoas cidadãs, mas aponto como as palavras proferidas pelos protagonistas do Estado causaram esvaziamentos no corpo das palavras e no imaginário das pessoas. Ao mesmo tempo, as palavras ditas na série: "Fica, vai ter *Inadequada* nas eleições 2022" acionaram resgates, memórias, histórias, lembranças, sonhos. Acima de tudo, apontam a própria relação com o saber, que, como Stengers (2012) também defende, "aprender é criar" e "aprender é aprender com" as populações que se interessam e não sobre essas mulheres. Aprender estando na situação e não aprender sobre a situação. Isso significa conseguir criar-imaginar, ativando a sua própria capacidade de ação e resistência.

Um dos exemplos emblemáticos da Rede *Inadequada* foi a conexão feita com a instituição AA Criança, que zela, cuida e promove iniciativas para crianças e jovens na cidade de São Paulo, na região da Sé, centro da cidade. A instituição corria o risco de ser fechada devido à falta de investimento. Uma das ações mais tocantes realizadas são os encontros do grupo de jovens mães. Ainda meninas, essas pessoas passaram por violências e pelo estupro e tiveram seus filhos sem amparo econômico e social. Os encontros lidam com muitas problemáticas, e acima de tudo dá suporte emocional para que essas meninas cuidem de si e dos bebês. Todas as iniciativas da Rede vinculavam-se à AA criança. As pessoas podiam doar quantias em dinheiro ou realizar trabalho voluntário. Todas as convidadas para os Ciclos de Conversas aceitavam doar seus cachês à instituição. Passamos assim a contribuir divulgando e ampliando o trabalho da AA Criança e, dessa conexão, da recusa do esquecimento, outros projetos e relações emergiram para a instituição. O gesto foi pontual e situado, mas surtiu efeitos que jamais seriam possíveis apenas com a ajuda do Estado.

Figura 8: divulgação de conversa com Everaldo Oliveira, coordenadora da AA Criança



Fonte: perfil de *Instagram* da @inadequada_.

Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CWxtU6ULWRm/>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

Antes de deitar arrumei a bagunça que deixei ao entrar e sair durante a semana do pequeno apartamento na Liberdade. Onde estou? Na cidade, onde a maioria dos “humanos” está. Preparei um chá de camomila bem forte e quente. Tomei. Adormeci. Meu corpo acordou do sonho da noite, um pouco ciborgue, um pouco planta, um pouco bicho-inseto, pouco humano, uma força vibrante. Sinto como se tivesse sofrido uma metamorfose. A pandemia tem atravessado o meu corpo de muitas maneiras, mas é a noite, nos sonhos, que o corpo é capaz de ir para outras dimensões, como as plantas fazem e nos ensinam há muito tempo.

Revelações, avisos e pedidos de ajuda. Os sonhos não têm sido acalentadores. Lembro que a camomila me acompanha desde que eu era menina. Menstruei aos dez anos. Naquele dia, queria continuar a brincar, mas minha mãe levava a sério

o poder do chá; “tome tudo, você vai ver como a dor vai passar. Vai relaxar e vai adormecer”. Fecho os olhos, ao primeiro gole que escorre pela garganta, é como um gesto de fé, de confiança. Escuto minha mãe sussurrar a mesma frase. Poderosa camomila, o gosto concentrado inundando minha boca, sensação acalentadora aquece por dentro e por fora, abraça o corpo em dias intransponíveis. Penso o que seria de mim sem a sua presença. Você foi nomeada pela ciência de Matricaria. Quão potente é seu nome. O aroma, o sabor e seus efeitos, são que nem as mães “calmantes”. Sua existência conecta diversas dimensões, ajuda a lidar com as dores que nós humanos produzimos na terra/ Terra. Ajuda a limpar do corpo-pensamento os afetos tristes, produzidos pelo capitalismo, e convoca a re-aprender, re-florestar alianças vivíveis com o nosso próprio

corpo e com todos os corpos. (Alves, 2022, p. 10-11).

Na série de entrevistas “O futuro é feminista e vegetal”, realizada em 2023, em parceria com a Revista *ClimaCom*, as práticas multiespécies com as histórias das convidadas convidam a tecer ligações com corpos mais que humanos e que conectam com as dimensões cosmopolíticas. Stengers aponta que cosmopolítica tem a ver com eficácia. Nota-se que ela dá outro contorno a palavra:

eficácia é bem antes aquela de catalisar um regime de pensamento e de sentir que confere àquilo que importa, aquilo em torno do que se dá a reunião, o poder de se tornar causa de pensamento. A eficácia do ritual não é portanto, a convocação de uma deusa que inspiraria a resposta, mas a convocação daquilo cuja presença transforma as relações que cada protagonista entretém com seus próprios saberes, esperanças, medos, memórias, e permite ao conjunto fazer emergir o que cada um, separadamente, não teria sido capaz de produzir [...] Ela aparece, por outro lado, completamente inadequada na perspectiva da ecologia política, pois àquilo que reúne é tudo, menos uma generalidade (quais são os nossos valores?), mas um problema que não apenas não se deixa dissociar em termos de fatos-valores, mas que tem a necessidade de pôr em presença ativa aqueles que possuem um saber pertinente acerca do que está em questão. (Stengers, 2018, p. 459).

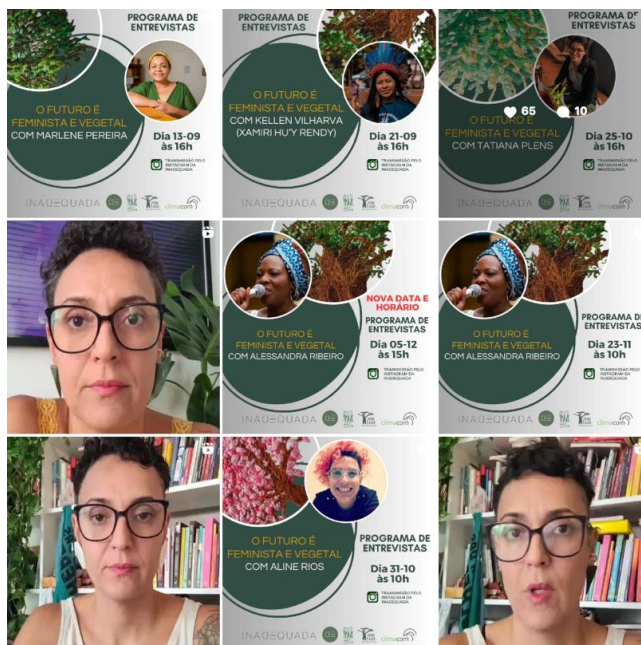
Como as pessoas naturalizaram comprar água? Questiona, indignada, Kellen Vilharva, uma das convidadas, nascida na aldeia Japorã, doutoranda no PPG de clínica médica da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Graduada e Mestra em Biologia, com pesquisa na área da medicina tradicional Guarani-Kauiwá. É guiada pelo objetivo de levar saberes ancestrais de seu povo para os corredores acadêmicos. E prossegue: “as pessoas confiam muito na tecnologia, mas é só olhar para os povos tradicionais, originários” (Vilharva, 2023³⁰). Enfatizo que a proposta da série de entrevistas foi fortificar o chamado do nosso tempo, que vem pedindo para darmos atenção ao sensível da terra/Terra. “Por isso cantamos para chuva para que venha, e também para ir embora. Nossos rezadores fazem isso. Eu não sei como vai ficar o futuro? Eu não sei...” continua Kellen (Vilharva, 2023).

Stengers (2015), ao indagar sobre o conhecimento e a racionalidade, indica que ambas contêm relevância para as instituições e que tomaram tamanha força que impossibilitam a capacidade de imaginação:

³⁰ Fala de Vilharva (2023) disponível em <<https://www.instagram.com/p/Cxd4r9PPano/>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

Por que os cientistas se associaram preferencialmente ao Estado e à indústria e definiram o resto em termos de falta (de conhecimento e de racionalidade), de tal modo que, eles se viram incapazes de imaginar uma possibilidade de resistir? (Stengers, 2015, p. 95).

Figura 9: captura de tela do feed do perfil @inadequada_ no Instagram, com as conversas da série “O futuro é feminista e vegetal”



Fonte: perfil de Instagram da @inadequada_

1.4 A potência das nomeações

Miriam Tola é professora na Universidade de Lausanne, na Suíça, filiada ao Instituto de Geografia e Sustentabilidade. Ela é, também, jornalista e ativista do movimento feminista #nemumaamenos, e sua investigação passa pelas intersecções entre gênero, colonialismo e imaginários políticos e ambientais. No artigo “Composing with Gaia: Isabelle Stengers and the feminist politics of the Earth” (2016), a autora ampliou as possibilidades de tecer conexões com Stengers e, de algum modo, também com alguns feminismos. Isso porque ela situa politicamente o uso que Stengers faz da figura de Gaia, em meio aos debates que envolvem os feminismos e o Antropoceno. Para Miriam Tola (2016), Stengers optou por adentrar nesse terreno perigoso e movediço porque se interessa pelo modo como a hipótese de Gaia apresenta os humanos: nem proprietários, nem guardiões do planeta. Os humanos “estariam mais próximos da perspectiva microbiana ascendente de Margulis do que da visão da Terra vista através dos telescópios da NASA de Lovelock” (Tola, 2016, p.

3). Uma perspectiva que desloca o problema: Gaia, o planeta vivo, invoca uma percepção de um mundo vivo e dinâmico, que exige modos de pensar e agir que sejam capazes de exercitar alterar uma perspectiva moderna e antropocêntrica, que nos impediu num determinado momento histórico, e impede ainda hoje de entrar em relação com uma terra/Terra ativa, criativa e fértil.

A terra/Terra não se difere dos outros corpos. Como Gaia também não o faz. A música abaixo, da cantora Sued Nunes, “Povoada”, é um poema que conduz o pensamento para um saber-chamado ancestral e para nos ajudar a defender a terra/Terra. Quando pensamos em terra/Terra juntas sem separações, pensamos que é da terra a diversidade dos corpos que existem em Gaia.

Ei, Povoada é um nome curioso né?
 Porque a gente sempre fala de Povoada em relação à Terra né?
 A Terra é povoada mas, também sou terra
 A gente também é terra de povoar
 Deus te ajuda. Deus te ajude e te livre do mal
 Te desejo tudo de bom, viu fia'? (Povoada!)
 Eu sou uma, mas não sou só, minha fia'

Povoada
 Quem falou que eu ando só?
 Nessa terra, nesse chão de meu Deus
 Sou uma mas não sou só

Povoada
 Quem falou que eu ando só?
 Tenho em mim mais de muitos
 Sou uma mas não sou só

Povoada
 Quem falou que eu ando só?
 Nessa terra, nesse chão de meu Deus
 Sou uma mas não sou só
 Povoada

Quem falou que eu ando só?
 Tenho em mim mais de muitos
 Sou uma mas não sou só
 Eu sou uma, mas não sou só, 'mermo! (Nunes, 2021)

Nota-se que é uma escolha política escrever terra/Terra durante a dissertação. Tudo está conectado a Gaia. E mais perguntas surgem: diante de Gaia, quem vai responder às perguntas? Quem decidirá o que será feito para evitar as consequências das alterações climáticas, ou seja, quem serão os protagonistas a terem voz e vez nas proposições produzidas? Como exigir desses protagonistas o que é ou não possível fazer? A quem beneficiarão essas respostas e como pensar-imaginar um futuro, coletivamente, que não seja bárbaro? Esses são pontos que sinto

saltarem de sua escrita, uma escrita de onde brotam questões sensíveis diante da intrusão de Gaia. Uma escrita que me move a pensar o feminino no entrelaçamento com Gaia e com a mesopolítica (Stengers, 2008; 2012) na experiência da Divulgação Científica e Cultural.

Gaia pode ser considerado um sujeito que também não é estável, que está a todo tempo autorregulando-se. Um ser que exige, como outros seres, atenção, e não-julgamento pelas suas ações impactantes em outros seres. Gaia comporta-se também como uma feminista "estraga-prazeres", questionando estabilizações e fixações pautadas nesse modelo capitalista branco ocidental-colonial. O que preocupa Stengers, portanto, são as respostas que operam ora como afirmações fixas e rígidas, ora como potentes perguntas.

Gaia e a terra/Terra são aliadas, não estão só, fazem parte delas corpos inter e multiespécies. Estão povoadas de uma pluralidade de texturas e formas de corpos, sendo que todos os corpos se relacionam em co-dependência. Obviamente alguns corpos estão e são mais resistentes que outros. Por isso terra/Terra é corpo, e é político. Lidar com o corpo é "perceber-fazer floresta" (Dias, 2020). Talvez seja esse o saber ancestral-científico mais importante que a intrusão de Gaia nos ensina. Precisamos viver em coletividade e diversidade, como nos ensinam as plantas e corpos vegetais nas florestas. Os corpos, quando em contato sensível na floresta, são convocados a interagir, a entrar em estado de atenção sutil.

Se não houver mais conhecimento específico advindos dos corpos vegetais, capaz de darem respostas que resolvam as complexidades que Gaia tem nos imposto, Stengers alerta-nos que todos os conhecimentos específicos advindos dos corpos, mesmo em coletividade, não serão capazes de mudar o percurso na terra/Terra, mas podem nos ajudar a pensar novos caminhos, sem a pretensão de serem para todos os corpos. Quando ouvimos a expressão "o futuro é ancestral", entendo, a partir da mesopolítica, que a ancestralidade é cíclica – não é fim nem início, é meio. Assim, o meio é também a "arte do *phármakon*." Não é mais adequado pensar que o corpo é apenas um corpo individual. Não é mais adequado dizer que a terra é um recurso. O Corpo é o que agimos em colaboração. Corpo coletivo. Corpos entre corpos, corpos nos corpos. A terra/Terra é um conjunto de corpos em processos e agenciamentos, aproxima saberes ancestrais através da escuta ativa, da observação, de plena atenção. Tudo que toca o corpo reverbera no corpo que toca de volta à terra/Terra. Intacta e fragmentada, aguarda por novas sementes crioulas para um novo tempo de

colheita e fazeres heterogêneos, de relações de parentescos. A terra/Terra é como plantar novas possibilidades de pensamentos.

Mais um aspecto importante da obra da autora é de que o gesto de nomear carrega consequências políticas diferentes (Stengers, 2015). Por um aspecto, revela a dificuldade da ciência em dialogar com outras perspectivas que nomeiam Gaia como natureza, mãe natureza, Pachamama, mãe-terra, entre outras. Isso faz com que as palavras ganhem sentidos, contornos, desvios, forças, em cada território. Tocando corpos que narram histórias diferentes e contraditoriamente semelhantes, coexistindo de maneiras plurais de viver em conexão com a terra/Terra. Todas essas nomeações têm em comum a criação de mundos, pensar-agir mundos vivíveis, mundos dos quais existam outros modos de vida em cuidado e afetação mútuas, para além do humano.

Dessa maneira, o gesto de nomear será sempre parcial, controverso, e também localizado – é um gesto mesopolítico e aposta na alteridade. A potência de nomear estabelece desafios na escrita e na linguagem, como também na comunicação, educação, filosofia, sendo necessário sabermos com quem estamos falando, em qual mundo esses seres habitam, suas crenças, valores, códigos, signos, símbolos e sentidos, para assim reestabelecer as relações e vínculos humanos e não humanos, entendendo cada um/uma como protagonistas. Para a filósofa brasileira Alyne Costa, a imagem-noção de Gaia ativada por Stengers funciona como:

[...] um sujeito, uma transcendência, que se intromete na nossa história, a qual temos que responder os efeitos integrados. Um nome de uma operação e composição, que nos permite vulneráveis, nos convocando a agir o tempo todo, desacelerando as conclusões, nos deixando afetar com/pela experimentações. Stengers abre um caminho para um olhar mais provocativo não-científico de Gaia"³¹

Nesse sentido, a intrusão de Gaia questiona os *modi operandi*, e também é a convocação imediata da percepção do cuidado e experimentação. A intrusão de Gaia coloca todos os corpos, especialmente os “humanos”, em estado de necessidade de ganhar intimidade com a terra/Terra viva. Não há por onde escapar. Quem mais, além das mulheres, poderiam ser impactadas de modo brutal diante da “intrusão de Gaia”? O que o cuidado pode reativar na memória e nos sentidos dos corpos que habitam a terra/Terra?

³¹ Fala proferida por Costa em 2 de junho de 2023, no seminário *Ecopoéticas: educação, arte e Antropoceno*. Disponível em: https://www.youtube.com/live/IF2iDLq8X6w?si=-l7kSVS5_gLslr30. Acesso em: 30 out. 2023.

Desde que Stengers escreveu *No tempo das catástrofes*, no início dos anos 2000, tais cenários bárbaros se agravaram, tendo em vista as ondas conservadoras, os negacionismos, o aumento de discursos de ódio, a proliferação de modos de existir baseados no medo e violências, na escassez, na destruições de povos e florestas, rios, mares, oceanos. Para Stengers, nomear Gaia é dar visibilidade para os “múltiplos regimes de existência da Terra” (Tola, 2016, p. 2).

Stengers aposta em uma filosofia das diferenças no que é “ligeiramente diferente”. Ainda reforça que não pretende com sua escrita “ferir os sentimentos estabelecidos”, não se propõe a convencer os outros de que sua versão é a melhor ou mais verdadeira, tampouco deseja produzir um deslumbramento conceitual. Antes, busca aprender a exercitar uma produção de conceitos que interroga as lógicas patriarcais da filosofia, e que resulta na produção de conceitos que desejam novas narrativas, mais insubmissas, insubordinadas, mais inadequadas!

PARTE II

Uma política feminista (feminina) da terra/Terra

As palavras são as sementes que frutificam a potência do feminino. A dimensão do feminino é capaz de afetar um corpo pelo cuidado e nível de atenção – pelo engajamento e luta, como Stengers (2015) nos ensina. A luta por mundos com movimentos mais heterogêneos. Sejam eles políticos, educacionais, comunicacionais etc. O que fizemos no Ciclo de Conversas “Aproximações”, foi pensar em um tipo de engajamento com movimentos criativos de eficácia que conjugassem diferentes lutas e novos modos de sentir, viver, pensar e imaginar em meio a um cenário complexo. Esses movimentos criativos, para Stengers (2008, 2012), dizem respeito à mesopolítica, e podem ser percebidos quando prestamos atenção nas práticas, nos fazeres.

Figura 10: *banner* do Ciclo “Aproximações”



Fonte: perfil de *Instagram* da @inadequada_

Para o primeiro Ciclo de Conversas presencial após um longo período de pandemia, estávamos interessadas em dialogar sobre “a arte de ter cuidado” no espaço doméstico/privado e fora dele. O texto de abertura, publicado na rede *Instagram* em 21 de junho de 2022, pulsava aos olhos:

Figura 11: captura de tela do texto de abertura do ciclo de conversas “Aproximações”



Fonte: *Instagram*. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/reel/CfFJw4cgtCG/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng%3D%3D>>. Acesso em: 31 out. 2023.

No texto, lê-se:

Sentimos as tensões das coisas, das relações, dos fluxos, do tempo. As urgências da Intrusão de Gaia, apontam grandes necessidades de re-imaginarmos novos horizontes e formas de estar no mundo para a vida humana e não humana. Dados sensíveis afetam a maneira como estamos deixando nossas pegadas na terra/Terra: 80% das pessoas refugiadas em função do clima, são mulheres. Elas são quilombolas, negras, indígenas, camponesas, ribeirinhas e também, mulheres urbanas periféricas, mães-solo. Pulsamos novamente, voltamos a sentir a intimidade com coisas, seres, mundos diante dos momentos mais tensos da Pandemia, que suspendeu os encontros, a presença dos corpos, criou abismos sociais, fragmentou discursos, distanciou pessoas de ambientes e devastou ambientes e espécies. A professora Sobonfu Somé, nos ensina “é na aldeia que a vida é diretamente inspirada pela terra, pelas árvores, montanhas e rios. Assim, o relacionamento entre homens e a natureza é traduzido na construção da comunidade e na relação com as pessoas.

A ancentralidade é planta, é mulher.

É preciso “fazer parentes”, relações de aproximações, de nós, de transfecções, como reforça a filósofa Donna Haraway.

Como as mulheres estão repolitizando a ciência, a comunicação, as artes, a vida na Terra?

Sendo mulheres, como podemos nos APROXIMAR para mover afetos tristes produzidos pela necropolítica?

A quem interessa as APROXIMAÇÕES de mulheres, literatura, artes, plantas, coisas, seres, mundos? Onde podemos tecê-las? O que manifestamos quando nos APROXIMAMOS?

Re-tomamos a cena, re-ocupamos os espaços, e aos poucos estamos tecendo APROXIMAÇÕES heterogêneas, alegres, resistentes.

O Ciclo de conversas quer ganhar amplitude. E Convida você a estar conosco. O tema do Ciclo é um convite para estarmos JUNTOS! Aproxime-se! (Inadequada, 2022).

Miriam Tola (2016) pensa em termos de uma política feminista da Terra, reclamando uma conexão entre Gaia e o ser Terra. Tola pensa com Stengers, propondo uma "polinização cruzada" entre cosmopolítica e feminismo para elaboração do que ela denomina de uma "política feminista de composição com/na terra" (Tola, 2016, p. 8). A proposição política apresentada por Tola (2016) vai além da imagem do humano, ou seja, concebe o meio como território de produção de vida e sentidos, organizados por projetos coletivos desejantes. Meio como ambiente, como fronteira, como brecha, como passagem, como local/ponto de encontro, como a terra que tudo dá, oferece, cresce.

Considerar os feminismos no tempo presente, na visão de Tola (2016), envolve uma desaceleração das narrativas do Antropoceno. A autora também indica três novas proposições entrelaçadas com vertentes feministas. A primeira proposição, defendida por ela, é a de que as filósofas feministas (ou feministas filósofas) já romperam com pensamento moderno, o qual por muito tempo apresentou a natureza como pano de fundo, como mera coadjuvante das questões científicas-políticas, passando a destacá-la como um ser em mutação. A segunda destaca os processos de "feminização, racialização e privatização contínua da natureza" (Tola, 2016, p. 13), conceitos que se tornaram relevantes na produção de saberes, nomeando processos de opressão silenciados desde o período da colonização nos países do sul Global, como Brasil, países no continente africano e na Ásia, por exemplo. E a terceira, por sua vez, consiste no rompimento do arranjo moderno entre humanos (atores-protagonistas) e o mundo natural, ou seja, o antigo modo binário de separação de natureza e cultura, selvagem e civilizado, feminino e masculino – e tantas outras as quais podemos nos mobilizar a pensar.

Desacelerar é o que propõe também Stengers (2023). Prestar atenção ao modo como a ciência foi moldada pela indústria. Percebo que o movimento que se faz na *Inadequada* também é o de desacelerar. E para que isso aconteça, que aconteça na composição, no cultivo de alianças e práticas, na cooperação, na retomada de saberes advindos de mulheres e plantas, feiticeiras, bruxas, quilombolas, mães de santo e de terreiro, curandeiras, mentoras espirituais, parteiras, doulas, sábias, avós, eremitas, entidades e seres, corpos trans, corpos pluri. Como também está na camomila, no alecrim, na malva, melissa, arruda, espada-de-são-jorge, cactos, suculentas, margaridas, rosas, bacuris, capim-limão, lavanda, hortelã – e todas as espécies em simbioses e metamorfoses. Na aceitação da diversidade e da

pluralidade, no respeito às cosmovisões africanas e originárias, nos conhecimentos advindos do contato imediato com a terra/Terra.

Sendo assim, o “meso-“, para Stengers, o lugar onde a pragmática é viva e vívida, o lugar da diferenciação, em que precisamos tornar-nos dignas dos problemas que emergem da relação com os materiais através de perguntas específicas: Como isso se propaga? Com o que aprendemos a ter cuidado? A que limite isso nos leva? Como é encontrado? As perguntas devem nascer das relações com as práticas e os encontros, o lugar em que a mesopolítica se faz (Stengers, 2008; 2012). Nas práticas é que podemos perceber se algo funciona como veneno ou como remédio, retomando a “arte do *phármakon*” em que as coisas se mostram como e onde se mostram eficazes – ou não.

A mesopolítica emerge em Stengers, como o próprio nome sugere, como uma busca para pensar *pelo meio, em meio, entre-meios e com os meios* (Stengers, 2017). Uma noção que recusa a oposição entre macropolítica e micropolítica, bem como a diferenciação que gera a eleição da micropolítica como o melhor polo para se pensar as resistências e as composições. Afetada pela noção de mesopolítica, penso que na *Inadequada* a dimensão do feminino acontece pelos encontros. Foram nos inúmeros encontros presenciais e *online* que pessoas, trabalhos, obras de arte e práticas que talvez nunca estariam juntas puderam estar. Mesmos os temas discutidos por perspectivas opostas que se complementaram. Os encontros faziam outros encontros e potencializaram as vozes, fazendo as práticas e outras tantas não-imagináveis nascerem dali. Isso é mesopolítica de modo localizado e situado. Projetos e parcerias nasceram e frutificaram. Conexões tecidas e memórias que vamos levar para sempre de cada encontro, em cada lugar especial: ateliê de costura, galeria de arte, galpão de cultura, feira de criatividade, *Instagram*, *Youtube*.

Nesse sentido, pensar a dimensão do feminino como potência é dar atenção aos problemas – que são como fendas abertas que jorram os chamados às desestabilizações e fixações do que até então foi dado como natural, selvagem, e endereçado aos corpos especialmente de mulheres. Pensar-agir em termos de reconexão terra/Terra é fundamental porque implica, também, reacender modos de viver ancestrais e experimentar a dimensão do feminino como uma grande força mobilizadora de criações e imaginações de corpos que cuidam, zelam, fazem crescer. Modos de viver que reacendem palavras e inventam novas. Viver uma política experimental e heterogênea. Experimentam modos de estar e ser que sejam passíveis

de resistir às feitiçarias do capitalismo e as narratividades nefastas do patriarcado colonial. Foi assim que o Ciclo de Conversas “Aproximações” aconteceu. Sentimos que o “Aproximações” fez história, inscreveu-se na história. A potência ontoepistemológica do Ciclo marcou de modo radicalmente vivo nossa memória. Os afetos cultivados de cuidado e atenção foram experimentados ao longo de toda a criação do Ciclo. O poder da palavra “Aproximações”, no plural, reverberou a dimensão do feminino. O ciclo trouxe para roda muita sabedoria ancestral afro, e a tecnologia negra de resistência, para criticar a bolha da arte e da educação na cidade de São Paulo. “Aproximações” nos fez lembrar do poder das múltiplas histórias. Lembrar, segundo Debora Diniz e Ivone Gebara (2022, p. 119-120), que o verbo “aproximar” é “[...] pois, um verbo sempre presente em nossa vida. É colado ao nosso corpo, à arte, à literatura, à cozinha, aos sabores que provamos ao longo de nossa história”.

Na *Inadequada* não estamos apenas atentas ao capitalismo, e sim a como vamos pensar nossa existência quando ele acabar e tudo se transformar. Afinal, como diz Stengers, “se o capitalismo tivesse que ser posto em perigo pela denúncia, ele já teria morrido há muito tempo” (Stengers, 2012, p. 104). Por isso, a autora insiste em um deslocamento de práticas que priorizam a transmissão de informações e representações para práticas que são capazes de ativar saberes, produzir conexões e alterar as formas de relacionamentos, subvertendo o sistema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar algumas obras da filósofa da ciência Isabelle Stengers, especialmente delineadas nas obras citadas durante a pesquisa, foi como mergulhar em águas profundas e geladas. Ela realmente entende o grito de socorro de um corpo em estado de desespero pelas condições em que se encontra. Corpo terra/Terra, corpo feminino, corpo vegetal, corpo papel, corpo mulher, corpo mente, corpo trans, corpo inadequado. À medida que as leituras aconteciam constantemente, as palavras e os conceitos se entrelaçavam com a *Inadequada* e com o pensamento-prática em torno da dimensão do feminino. Criar alianças com intelectuais feministas de todos os lugares em sintonia com as vozes da *Inadequada*, e conferir relevância e força à dimensão do feminino, representou um grande desafio durante a escrita.

Refletir sobre a dimensão do feminino, especialmente com as obras de Stengers, é apostar naquilo que ela faz primordialmente como filósofa: pensar-imaginar. Fazer filosofia é pensar, e pensar está intrinsicamente ligado a outras práticas de bem viver, e a leitura é uma delas. Para mim, ler é como sentir o corpo no estado de alegria lúcida, adentrando em mundos multidimensionais, pluriverais, como ela mesma sugere: aprender com as palavras e os mundos que se desdobram diante de nós.

Pensar com Stengers a noção de inadequação significou inventar novos modos de contar e fazer a divulgação da *Inadequada*, olhar para os colapsos ambientais não como meros panos de fundo nas transformações da vida na terra/Terra, mas como acontecimentos sistêmicos, convocando-nos a trazer o que ocorre fora da academia científica para dentro e vice-versa. Estar na academia, que propõe ciência-cultura (sem separação), foi um dos maiores momentos políticos de um corpo comum e inadequado pode experimentar. Desafios e mais resistências, como também movimentos e ocupações de espaços para outros corpos: indígena, animal, trans, mulher, negro... Penso que, com Stengers e Haraway, a inadequação é convocada a ser situada, a ser pensada e problematizada em cada situação, sempre dependerá do ponto de partida. Subverter o que pode não ser considerado ciência e cultura e desafiar os métodos científicos e de divulgação da ciência-cultura são aspectos cruciais desse processo. Aqui reflito de modo mais sensível sobre que pode

proporcionar uma metodologia para a vida dos corpos na terra/Terra, para qual sentido pode-se dar uma metodologia na pesquisa e nos modos de divulgar ciência-cultura. Desejo continuar a instigar a curiosidade daqueles (e a minha) que lerem esta dissertação em muitos pontos do corpo-escrita-pesquisa. Nada é definitivo, tudo está em constante fluidez, inclusive a própria *Inadequada*.

Em relação à dimensão do feminino, pensar e propor interrelações, neste texto, foi um exercício corporal intenso, energético e dolorido. Sim, dolorido! De fato, ao longo da dissertação, propus o exercício de pensar junto com muitos materiais, imaginando possibilidades que ainda não haviam sido consideradas ou experimentadas. O texto se alterou infinitas versões, deslocou-se para muitas outras aberturas, e se fidelizou com as experiências da *Inadequada*.

Tornar visíveis as vozes que buscam espaço e tempo para serem ouvidas, ouvi-las, e, acima de tudo, escrever de uma maneira que busque desafiar os padrões narrativos convencionais, foi uma prática que eu jamais pensaria ser capaz de fazer. Por isso, busquei escrever com filósofas, artistas, plantas, professoras, pesquisadoras, livros, artigos, etc., tentando escapar de uma escrita triste e linear.

Assim como a intrusão de Gaia representa uma grande ameaça a todos os corpos, é uma forma de repensar a política, a educação e a comunicação, especialmente quando o conhecimento é compartilhado a ponto de gerar hesitação em tantos corpos. Observa-se que a *Inadequada* também age como uma intrusa durante todo o texto; parece não se encaixar em nada, posicionando-se no meio, pelo meio, como um gesto mesopolítico que luta por uma educação (cosmo)política feminina feminista.

A dimensão do feminino proposta na dissertação não reduz a mulher a uma mera resposta para os problemas das mulheres (cis e trans), mas lança luz sobre as questões da terra/Terra e de outros corpos que estão tornando-se meros recursos no Antropoceno. Não ignora que os colapsos climáticos estão destinados a aumentar, e ressalta a importância de pensar e agir com cuidado e atenção ao momento presente. A dimensão do feminino, embora não esteja no centro das discussões das autoras e autores da pesquisa, posiciona-se como mais uma força na presença de Gaia. As noções-ideias nomeadas ganhando sentidos e novos contornos, como a terra/Terra, são destaques ao longo do texto e me parecem insurgentes e inadequadas linguagens (não-binárias), dotadas de funcionamentos ambíguos e expansivos ao mesmo tempo.

Elas praticam no texto um modo de sobrevivência e existência de todos os corpos nesse tempo em que a pesquisa se inscreve.

E contar com a companhia de mulheres e pessoas, plantas, coisas, dentre outros seres que passaram pela *Inadequada*, é sempre reconfortante, pois o compartilhamento dos saberes ajuda a desestabilizar outros conhecimentos adormecidos nos cantos dos corpos da Rede, e que um dia foram programados pelo patriarcado-colonial-capitalista a pensar-agir em competição e destruição.

Por fim, quanto aos feminismos no plural: foi por onde tudo começou, e será por onde quero terminar a dissertação. Aprendi e aprendo com a *Inadequada* a fazer relações heterogêneas, a estar presente na escuta que ouve sutilezas e fúrias nas vozes de cada corpo. Foram muitos encontros que geraram muita produção de conhecimento. Espero ter despertado, como um ensaio tem a potência de fazer, um gostinho de quero mais, uma vontade de seguir fazendo, porque há muito a ser feito para que o cuidado seja a política dos próximos tempos. Como aprendemos, estamos em tempos de catástrofes e barbáries. Por isso, proponho continuar a pensar-sentir-agir pelas mudanças e erradicação das exclusões em aliança com aqueles e aquelas que já sabem que os feminismos não agem isolados, mas em relações de aproximações de “nós”.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, M. B. *In*: DIAS, S. et al. Plantas companheiras de escrita: des-bordando o Antropoceno, **ClimaCom – Políticas Vegetais**, Campinas, a. 9, n. 23., dez. 2022. Disponível em: <<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/plantas-companheiras/>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

BOTELHO, Andréia. Inadequada, eu? **Instagram**, 10 mai. 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/COtsjLnxDN/?igsh=Y2ZweXhoeGEycWp2>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Ancestralidade sodomita, espiritualidade travesti. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 14, p. 40-47, jul. 2020.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2008.

COSTA, A. Fala proferida por Costa em 2 de junho de 2023, no seminário Ecopoéticas: educação, arte e Antropoceno, **Youtube**. Disponível em: https://www.youtube.com/live/IF2iDLq8X6w?si=-l7kSVS5_gLslr30. Acesso em: 30 out. 2023.

CRISTINA, Erica. Inadequada, eu?, **Instagram**, 26 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/COJqkEtH9Mc/?igsh=MWZ0ZG92cjYwdzZneQ==>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Susana. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. **ClimaCom – Florestas**, Campinas, a. 7, n. 17, jun. 2020. Disponível em: <<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

DIAS, S.; BRITO, M. R. A arte pública diante do Antropoceno: experimentações em “mesas de trabalhos”. *In*: FUREGATTI, S.; BASSANI, T. S.; SEQUEIRA, A. **Arte pública no Brasil**: convergências e dissensos. Campinas, SP: IA/UNICAMP, 2022. p. 201-210. Disponível em: <<https://geapbr.files.wordpress.com/2023/03/anais-geap-br-2022-3.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2023.

DIAS, S. Um caminhar multiespécies: mesas de trabalho como modos de habitar artes, educações e comunicações diante do Antropoceno. **Revista Digital Do LAV**, v.16, n. 1, e. 12/1–22, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/1983734884146>>. Acesso em: 31 out. 2023.

DINIZ, D..; GEBARA, I. **Esperança feminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

FEITOSA, Dandara. Inadequada, eu? **Instagram**, 25 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CKfSKN4pmm6>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FRASER, N; JAEGGI, R. **Capitalismo em debate**: uma conversa na teoria crítica. Trad. Nathalie Bressiani. São Paulo: Boitempo, 2020.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (orgs). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial, **Cadernos Pagu**, v. 5, 1995, p. 7-41.

HARAWAY, D. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chuthuluceno. Trad. por Ana Luiza Braga. São Paulo, n-1 edições, 2023.

HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom**. a. 3, n. 5, abr. 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wpcontent/uploads/2014/12/dossie_climacom_vulnerabilidade.pdf>. Acesso: 31 out. 2023.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação o como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Trad. Ana Luiza Libânio. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

INADEQUADA. Texto de abertura, **Instagram**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CfFJw4cgtCG/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng%3D%3D>>. Acesso em: 31 out. 2023.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

- KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LAPOUJADE, J. **A construção da experiência**. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- LATOUR, B. **Onde estou?** Lições do confinamento para uso dos terrestres. Trad. Raquel Azevedo. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- LOSITO, L. **Mulheres de terra e água**. São Paulo, Elefante, 2022.
- LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia**. Trad. Ivo Korytowski. 2006.
- MARQUES, L. Fazendo orixás: sobre o modo de existência das coisas no candomblé, **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2., p. 221-243, 2018.
- MENEZES, Vanes. Fica, vai ter *Inadequada* nas eleições 2022, **Instagram**, 26 out. 2022. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CkMlev9ABi-/>>. Acesso em: 24 abr. 2024.
- MIGUEL, F. **Tempo sem cruz**. São Paulo: Primata, 2022.
- NUNES, S. **Povoada - Sued Nunes**, Youtube, 31 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c>>. Acesso em: 24 abr. 2024.
- OLIVEIRA, Jenny. Deslocamentos do feminismo, **Youtube**, 15 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qf1RJm9ha-4>>. Acesso em: 24 abr. 2024.
- PALHARDI, Júlia. Fica, vai ter *Inadequada* nas eleições 2022, **Instagram**, 27 out. 2022. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CkN4O4QKr9G/>>. Acesso em: 24 abr. 2024.
- PRECIADO, P. **Transfeminismo**. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- ROSSI, A.; CARNEIRO, J. D.; GRAGNANI, J.; #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos, **BBC News Brasil**, 30 set. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>>. Acesso em: 31 out. 2023.
- SETA, I. “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” tem 1 milhão de membros no Facebook, **EXAME**, 12 set. 2018. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/mulheres-unidas-contr-bolsonaro-tem-1-milhao-de-membros-no-facebook/>> Acesso: 31 out. 2023.
- STENGERS, Isabelle. History through the middle: between macro and mesopolitics. Interview with Isabelle Stengers. Interviewer: Brian Massumi e Erin Manning. Trad. Brian Massumi. **Inflexions**, n. 3, 25 nov. 2008. Disponível em: <https://www.inflexions.org/n3_stengershtml.html>. Acesso em: 31 out. 2023.
- STENGERS, Isabelle; OOSTERLING, Henk. **Ecosophical activism – between micropolitics and mesopolitics**. Conversation with Isabelle Stengers and Henk Oosterling. Interviewer: Sjoerd van Tuinen. Dutch translation in Henk Oosterling,

ECO3. Doendenken. Rotterdam Vakmanstad/Skillcity 2010-2012, Jap Sambooks, Heijningen, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/4854566/%20Ecosophical Activism - Between Micropolitics and %20Mesopolitics conversation with Isabelle Stengers %20and Henk Oosterling 2012%20](https://www.academia.edu/4854566/%20Ecosophical_Activism_-_Between_Micropolitics_and_%20Mesopolitics_conversation_with_Isabelle_Stengers_%20and_Henk_Oosterling_2012%20) >. Acesso em: 31 out. 2023.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes** - resistir à barbárie que se aproxima. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STENGERS, Isabelle. **Reativar o animismo**. Trad. Jamile Pinheiro. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 442-464, abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível**: Manifesto por uma desaceleração das ciências. São Paulo: Bazar do Tempo, 2023.

THOMAZ, Babi. Inadequada, eu? **Youtube**, 8 nov. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W9byteKmFPw&t=95s>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

TOLA, Miriam. Composing with Gaia: Isabelle Stengers and the feminist politics of the Earth. **PhænEx**. v. 11, n. 1, 2016, p. 1-21.

VILHARVA, K. O futuro é feminino e vegetal com Kellen Vilharva, **Instagram**, 14 set. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cxd4r9PPano/>>. Acesso: 24 abr. 2024.